

**FACULDADE PERNAMBUCANA DE SAÚDE**  
**PROGRAMA DE POS GRADUAÇÃO STRICTO SENSU**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM PSICOLOGIA DA SAÚDE**

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO FERRAMENTA PARA O  
DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES LINGUÍSTICAS DE  
CRIANÇAS.**

**FACULDADE PERNAMBUCANA DE SAÚDE**  
**PROGRAMA DE POS GRADUAÇÃO STRICTO SENSU**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM PSICOLOGIA DA SAÚDE**

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO FERRAMENTA PARA O  
DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES LINGUÍSTICAS DE  
CRIANÇAS.**

**Dissertação apresentada para fins de  
banca como parte dos requisitos para  
a obtenção do grau de Mestre em  
Psicologia da Saúde pela Faculdade  
Pernambucana de Saúde.**

**Autora: Amanda Cristina Ramos de Oliveira**

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Anna Barreto Campello Carvalheira Chaves**

**Linha de pesquisa: Processos clínicos e os ciclos da vida**

RECIFE – 2020

Ficha Catalográfica  
Preparada pela Faculdade Pernambucana de Saúde

---

O48c Oliveira, Amanda Cristina Ramos de

Contaçãõ de histórias como ferramenta para o desenvolvimento de habilidades linguísticas de crianças. / Amanda Cristina Ramos de Oliveira; Orientadora Anna Barreto Campello Carvalheira Chaves. – Recife: Do Autor, 2020.

109 f.

Dissertação – Faculdade Pernambucana de Saúde, Pós-graduação Stricto Sensu, Mestrado Profissional em Psicologia da Saúde, 2020.

1. Linguagem. 2. Contaçãõ de histórias. 3. Narrativas infantis. 4. Imaginação. I. Chaves, Anna Barreto Campello Carvalheira, orientadora. II. Título.

CDU 159.922.7

---

**Amanda Cristina Ramos de Oliveira**

**CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO FERRAMENTA PARA O  
DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES LINGUÍSTICAS DE  
CRIANÇAS**

Dissertação apresentada em: 30 de março de 2020.

Membros da Banca Examinadora:

---

Profa. Dra. Anna Barreto Campello Carvalheira Chaves

Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS)

---

Profa. Dra. Clarissa Maria Dubeux Lopes Barros

Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS)

---

Profa. Dra. Maria Teresa Barros Falcão Coelho

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus pais, Durval e Isabel, que me ensinaram o caminho da educação, perseverança, fé e amor, sem eles, nenhuma dessas páginas seria possível. A vocês, toda a gratidão de meu coração.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo privilégio de poder buscar e alcançar o conhecimento como forma não apenas de mudar a minha história, mas como possibilidade de poder contribuir para outras histórias para além de mim. Estudar o que se ama é privilégio, benção e dom de Deus e com Ele, tudo se faz possível.

À minha família, meus pais Durval e Isabel, que sempre contribuíram com afeição, compreensão e acolhimento todos os momentos em que a ausência se fez necessária, incentivando-me na caminhada e destacando a educação como o melhor caminho possível. Suas orações me guiaram até aqui.

À Aline e Guilherme, meus irmãos, que em todos os momentos se fizeram presentes, com gestos de cuidado e palavras de afeição.

Aos meus amigos, quanto cuidado e atenção ao longo da construção e realização deste sonho: quanto incentivo, palavras de conforto e risadas terapêuticas me proporcionaram. A vida com vocês adquire a leveza necessária para continuar.

Ao Mike, pela ausência necessária e pela presença desejada. Quanto amor recebido através de incentivo e constância quando a dúvida se fazia presente, proporcionando apoio e críticas construtivas quando necessário: as vírgulas, parágrafos e palavras deste escrito também são fruto da sua atenção para comigo.

Aos meus companheiros de jornada, meus colegas de mestrado: Palavras não são capazes de definir e expressar o amor e a gratidão dirigidos a vocês. Essa caminhada ao lado de cada um me ensinou para além de pesquisas, livros, dados e análises... me ensinou que as pessoas que estarão com você ao longo da jornada, são tão ou mais importantes quanto a jornada em si. A vitória de cada um é a vitória de todos.

Aos pequenos participantes desta pesquisa, ao confiarem suas histórias a mim e permitirem que eu também fizesse parte de suas histórias. O quanto vocês me ensinaram através de seus gestos simples, mas jamais simplórios.

Aos gestores e professores que não só abriram as portas da escola a mim, mas também compartilharam seu tempo, conhecimento e alegria. Quantas histórias lindas vocês são capazes de contar, quantas histórias lindas vocês são capazes de transformar através da educação. Meu mais profundo respeito a cada um de vocês.

À Anna, orientadora presente e perseverante na missão de me guiar por caminhos desconhecidos, transformando inseguranças em buscas ativas pelo

conhecimento e pela reflexão constante. Acolheu minha história e ajudou-me a organizá-la e contá-la. Obrigada pela confiança.

À FPS, que faz parte da minha trajetória profissional e pessoal. Nesse espaço fui guiada com carinho e competência pelos caminhos da psicologia.

“Palavras são, na minha não tão humilde opinião, nossa inesgotável fonte de magia. Capazes de ferir e de curar.”

(Rowling J.K., 2007)



## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

IPES	Instituição Privada de Ensino Superior
L1	Língua Materna
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
CNS	Conselho Nacional de Saúde

## RESUMO

**Introdução:** A linguagem define-se como um amplo aparato de símbolos agrupados de forma sistemática com o objetivo de produzir e compreender informações. É através dela que o indivíduo constitui-se e é inserido no mundo social, onde sua aquisição sendo realizada de forma lúdica e constante, mostra-se vantajosa ao cérebro, tornando sua aprendizagem mais simples e atrativa ao sujeito. Dessa forma, a utilização da contação de histórias como ferramenta de estimulação linguística, possibilita aos infantes uma oportunidade de desenvolver suas habilidades de comunicação, compreensão e interpretação da linguagem através da ludicidade e afetividade, estimulando a interação social entre seus pares. **Objetivo:** Compreender como a utilização de contação de histórias infantis pode influenciar o desenvolvimento de habilidades linguísticas em crianças. **Método:** Realizou-se uma pesquisa de abordagem qualitativa do tipo estudo de casos múltiplos, participaram crianças entre 06 e 08 anos de idade de ambos os sexos. Os dados obtidos na coleta de dados foram analisados baseado no método de categorização de eventos de Yin<sup>19</sup>, criando-se uma tabela comparativa onde cada criança foi comparada a si mesma no decorrer da coleta de dados, após exposição ao projeto Palavra Mágica, que envolve contação de histórias. O presente estudo seguiu todos os cuidados éticos conforme regulamenta a CNS 510/16, CAAE 10393319.5.0000.5569. **Resultados e discussão:** Foram elaborados dois produtos como resultado desta dissertação. O primeiro apresentado na forma de artigo encaminhado a revista Interface e o segundo sendo um produto acadêmico no formato de livro de história infantil, com reflexões sobre a importância da contação de histórias como ferramenta que possibilita o desenvolvimento linguístico infantil e direcionado aos estudantes participantes do projeto Palavra Mágica, a professores, cuidadores e pais de crianças em idade escolar. Participaram do estudo 07 crianças com idades entre 06 e 08

anos. Através da análise das narrativas foram percebidos três aspectos importantes para a avaliação do desenvolvimento linguístico infantil através de suas narrativas: fluência verbal; imaginação e interação social. **Considerações finais:** O aspecto quantitativo do número de palavras não se sobressaiu nos resultados, visto que algumas histórias curtas apresentadas pelas crianças participantes apresentaram um vocabulário mais complexo do ponto de vista linguístico e imaginativo. As narrativas das crianças pesquisadas mostraram a incidência de histórias prontas em detrimento a uma construção singular e imaginativa, demonstrando assim o apego a imagem pronta, previamente construída por outros e desestimulando o a florescimento da capacidade interna imaginativa. A contação de histórias mostrou-se como um instrumento capaz de incentivar não apenas a linguagem das crianças, mas também suas possibilidades criadoras e recreativas. Observou-se um aumento no vocabulário das crianças participantes da pesquisa, onde estas se utilizaram de mais palavras com maior tempo de interação na construção de suas narrativas infantis, demonstrando autonomia e interesse em verbalizar. Observou-se a importância da contação de histórias como atividade lúdica que proporciona à criança desenvolvimento e exercício de suas funções linguísticas, sociais e imaginativas, sendo assim fundamental o incentivo dos pais, professores e cuidadores para a prática de contar e ouvir histórias.

**Palavras-chave:** Linguagem; contação de histórias; narrativas infantis; imaginação.

## ABSTRACT

**Introduction:** Language is defined as a broad apparatus of symbols grouped systematically in order to produce and understand information, it is through it that the individual is constituted and inserted in the social world, requiring that its acquisition be performed in a playful and constant way. Thus, the use of storytelling as a language stimulation tool provides infants with an opportunity to develop their communication, comprehension and interpretation skill of the language through playfulness and affection, stimulating social interaction between their peers. **Objective:** To verify if the language skills of the children participating in the research are enhanced through the use of storytelling. **Method:** A qualitative multiples cases study research was conducted. Participants were children between 6 and 8 years old of both sexes. The data obtained were analyzed based on the event categorization method, creating a comparative table in which each child was compared to him/herself during the data collection. The present study followed all ethical precautions according to CNS 510/16, CAAE 10393319.5.0000.5569. **Results and discussion:** Two products were elaborated as a result of this dissertation. The first presented in the form of an article that will be sent to “Interface” magazine and the second being an academic product in the format of a children's story book, with reflections on the importance of storytelling as a tool that enables children's linguistic development and aimed at participating students of the “Magic Word” project, to teachers, caregivers and parents of preschool children. Fifteen children aged between 06 and 08 years old participated in the study. Through the analysis of the narratives, three important aspects were perceived for the assessment of children's linguistic development through their narratives: verbal fluency; imagination and social interaction. **Final considerations:** The quantitative aspect of word number

did not stand out in the results, as some short stories told by the participating children presented a more complex vocabulary from the linguistic and imaginative point of view. The narratives of the children surveyed showed the incidence of ready-to-use stories to the detriment of a singular and imaginative construction, thus demonstrating the attachment to already thought patterns, previously built by others and discouraging the outcropping of the imaginative internal capacity. Storytelling has proved to be an instrument capable of encouraging not only children's language but also their creative and recreational possibilities. An increase in the vocabulary of the children participating in the research has been proven. They used more words and were eager to maintain the dialogue, showing autonomy and interest in verbalizing. It was observed the importance of storytelling as space and action that provide the child development and exercise of their linguistic, social and imaginative functions, thus being of essence the encouragement of parents, teachers and caregivers to the practice of telling and listening stories.

**Keywords:** Language; storytelling; children's narratives; imagination.

# SUMÁRIO

<b>I. INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>II. OBJETIVOS</b> .....	27
2.1 Objetivo Geral.....	27
2.2 Objetivos Específicos.....	27
<b>III. MÉTODO</b> .....	28
3.1 Tipo de estudo.....	28
3.2 Local de estudo.....	30
3.3 Período de estudo.....	30
3.4 População do estudo.....	31
3.5 Amostra.....	32
3.5.1 Amostragem.....	32
3.5.2 Tamanho amostral.....	33
3.6 Critérios e procedimentos para a seleção dos participantes.....	33
3.6.1 Critérios de inclusão.....	34
3.6.2 Critérios de exclusão.....	34
3.6.3 Procedimentos para a captação e o acompanhamento dos participantes.....	34
3.6.4 Fluxograma de captação e acompanhamento dos participantes.....	35
3.6.5 Critérios para descontinuação do estudo.....	37
3.7 Coleta de dados.....	37
3.7.1 Instrumentos de coleta de dados.....	37
3.7.2 Coleta de dados.....	38
3.8 Processamento e análise de dados.....	38
3.8.1 Processamento dos dados.....	38
3.8.2 Análise dos dados.....	39
3.9 Aspectos éticos.....	40
3.10 Conflito de interesses.....	41
Referências.....	42
<b>IV. RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	44
Artigo.....	
Introdução.....	45
Método.....	53

Resultados e discussão.....	54
Considerações finais.....	64
Referências.....	68
<b>V. PRODUTO EDUCACIONAL.....</b>	<b>71</b>
<b>VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>90</b>
Apêndices.....	91
Apêndice I.....	91
Apêndice II.....	94
Apêndice III.....	95

## I. INTRODUÇÃO

A linguagem é conceituada como um sistema de signos e significados criados pelo homem e uma forma de comunicar aspectos do mundo interior e exterior. A linguagem é uma ferramenta capaz de gerar conhecimento acerca de outros indivíduos e de suas subjetividades, além de possibilitar ao sujeito conhecer e transformar o mundo ao seu redor através das palavras e da comunicação entre os seus pares, contribuindo para a criação de novos signos e significantes ao longo de sua existência.<sup>1</sup>

A linguagem não representa apenas um conjunto de fonemas e sílabas agrupados, mas uma ferramenta criada e recriada pelo homem como forma de constituir-se e reconstituir-se como sujeito ao longo de sua existência. Dessa forma, a linguagem criada pelo homem também é capaz de criá-lo, pois através da linguagem o sujeito insere-se no meio social, comunicando-se com os demais de forma a interferir na sociedade através de sua subjetividade ao mesmo tempo em que é afetado e transformado pelo meio social.<sup>2</sup>

Comunicar-se é uma forma de falar de si para os demais, e permitir que os demais também possam falar sobre si, sendo assim uma via de construção, reconstrução e possibilidades de afetar e ser afetado pelo meio social. Dessa forma, fazer uso da linguagem é utilizar-se da possibilidade de ser para si e para os outros no mundo.<sup>3</sup>

O indivíduo não possui a palavra, assim como a palavra não possui o indivíduo: ambos se retroalimentam e se afetam na possibilidade de construção.

O processo de aquisição linguística é uma ferramenta importante para o sujeito e a sua inserção social. Este processo se dá desde os primeiros momentos de vida do



indivíduo, sendo a sua aquisição um tema de investigação teórica por parte de linguistas e pesquisadores do desenvolvimento infantil.

O processo de aquisição da linguagem materna (L1), apesar de apresentar-se de forma complexa, é adquirida de modo prático, natural e através das repetições do dia a dia. Embora a criança, em determinado momento, se utilize da linguagem oral de forma gramaticalmente correta, esta não possui o conhecimento teórico das regras gramaticais, reforçando que tal aprendizado se dá através do uso prático da linguagem.<sup>4</sup>

Aqui serão apresentadas e discutidas três teorias neurolinguísticas que tentam explicar como os seres humanos adquirem linguagem: Empirista, Nativista e Interacionista.

A **teoria empirista** defende a idéia de que adquirimos a linguagem através da imitação da fala dos pais, sendo estes responsáveis por reforçar a utilização da fala adequada de seus filhos, dessa forma, as crianças aprenderiam a utilizar a língua unicamente através da imitação de seus pares de espécie. Contudo, críticos desta teoria, questionam-se como as crianças que aprendem a língua através unicamente da imitação dos pais, poderiam desenvolver o uso gramatical correto da língua mesmo sem o estímulo adequado de seus pais; a partir desse questionamento, surge uma segunda teoria referente à aquisição da linguagem.<sup>4,5</sup>

Na perspectiva **nativista**, os seres humanos estão biologicamente preparados para adquirir e desenvolver a linguagem, sendo cada um de nós programado para produzir e compreender conteúdos lingüísticos, dessa forma, acreditam que qualquer criança, biologicamente saudável, é capaz de adquirir um vocabulário vasto e adequado ao seu período de desenvolvimento, combinando as palavras a fim de formar frases gramaticalmente corretas. Contudo, tal teoria recebe críticas variadas, por não levar em

consideração outras questões relacionadas à aquisição da linguagem, como questões sociais e culturais, tão importantes para o desenvolvimento humano.<sup>4,5</sup>

A teoria **interacionista** leva em consideração, na sua formulação, que o desenvolvimento lingüístico se dá através de questões inatas e adquiridas ao longo do crescimento biológico infantil. De acordo com esta teoria, os indivíduos nascem com o aparato biológico necessário para a produção e compreensão da linguagem, contudo, fatores sócio-culturais se fazem necessários para o desenvolvimento adequado desta, assim, todas as variáveis, no que diz respeito ao desenvolvimento lingüístico, são levadas em consideração para tentar compreender e explicar o questionamento: como as crianças são capazes de aprender a falar? <sup>4,5</sup>

A teoria interacionista compreende a formação da linguagem como um processo participativo, onde a criança e seu meio sócio-cultural interagem de forma a favorecer a aquisição da linguagem desta. Contudo, o desenvolvimento da capacidade de oralizar palavras se inicia não no momento em que a criança pronuncia seu primeiro conjunto de fonemas de forma compreensível, mas anteriormente a isto, sendo esta a teoria em que o presente estudo se baseia.

O primeiro contato da criança com a língua, se dá a partir da fala de seus pais ou cuidadores, inserindo esta na linguagem falada desde o momento do seu nascimento. É comum presenciar pais, mães ou outros cuidadores da criança, se dirigir a esta de modo a dialogar com a criança, mesmo que esta ainda não possa compreender de forma clara o que lhe é dito, bem como produzir uma linguagem compreensível, contudo, é através desta “inserção ao diálogo”, que o infante passa a ser estimulado a oralização.<sup>6</sup>

A esta fala dirigida ao bebê, em seus primeiros meses de vida, de forma pausada, rítmica e com tom de voz mais agudo, se dá o nome de *manhês*, nesta forma de

comunicação, a criança é convidada a interagir com o outro em contexto social, sendo interessante perceber que a criança espera sua “vez” de falar, sorrindo ou balbuciando para seu interlocutor no momento em que é convidado a “responder” a fala de seu cuidador.<sup>6</sup>

O “manhês”, assim como uma língua formal, possui uma organização dialógica com sua própria prosódia, estrutura léxica e sintática, sendo essa forma de diálogo não apenas uma forma de carinho entre mãe-bebê, mas uma forma lúdica, simbólica e de inserção do bebê no mundo da linguagem e no ambiente social que o circunda.<sup>6</sup> Nesta forma de língua “inicial” a criança tem suas primeiras experiências com a linguagem. O manhês apresenta-se com palavras no diminutivo, repetições silábicas e linhas vocálicas melódicas, sons agradáveis e convidativos para o bebê, o qual possui a capacidade de repetir tais vocalizações através dos balbucios, que serão dotados de significados pela figura materna. Ao mesmo tempo que a mãe inicia o diálogo, abrindo espaço para o bebê “falar”, ela mesma interpreta e oferece significado a fala do bebê, transformando assim possíveis reações orgânicas (balbucios) em cadeia de significados, significantes e desejos.<sup>7</sup>

Construir uma formação dialógica com e para o bebê possibilita que a mãe exerça sua função materna, transformando um sujeito puramente orgânico, sendo alçado a categoria simbólica de co-locutor, através do olhar e voz maternos dirigidos ao infante. É a partir dessa posição de co-locutor que o bebê “revela” a sua mãe sua incompletude materna: o bebê tem algo a dizer, a sentir, mas sua mãe pode apenas imaginar e interpretar as reações do bebê através de suas próprias experiências simbólicas, conferindo ao bebê sua própria subjetividade.<sup>6</sup>

Para o pleno desenvolvimento linguístico da criança é necessário, desde a mais tenra idade, que esta receba incentivo social no que se refere ao estímulo as suas

habilidades linguísticas, já que a criança adquire seus primeiros conhecimentos na L1 através do contato com seus cuidadores e meio social, primeiramente apenas ouvindo seus cuidadores e/ou oralizando pequenos balbucios. São esses primeiros contatos rudimentares com a linguagem que propiciam a criança adquirir suas experiências iniciais com a língua e estimulam seu cérebro a aprender esse “código de comunicação” de forma contínua.<sup>8</sup>

O processo de maturação cerebral sem contato e intervenção sociais não são capazes de levar a criança a um desenvolvimento neuronal e conseqüentemente, linguístico saudável para um ser humano em formação.<sup>8,9</sup> Ou seja, o processo de aquisição da linguagem materna (L1) depende de forma igualitária, de requisitos biológicos e sociais para o seu pleno desenvolvimento. Assim, estímulos adequados e interações sociais que favoreçam a aquisição de habilidades linguísticas de forma lúdica e assertiva são fundamentais para um pleno desenvolvimento da comunicação.<sup>9</sup>

Entender o papel da linguagem para o desenvolvimento biológico e social do sujeito se faz necessário para compreender como o indivíduo inicia seu processo de socialização e quais etapas são necessárias para o desenvolvimento da linguagem nos seres humanos. A cada estágio de desenvolvimento humano é esperado que nos aspectos que concernem à linguagem, o indivíduo seja capaz de alcançar determinados marcos do desenvolvimento linguístico, correspondentes a sua idade cronológica; conforme seu cérebro se desenvolve ao longo dos anos, é esperado que seu desenvolvimento linguístico esteja de acordo com o nível de maturidade biológica, alcançando estágios cada vez mais complexos em sua capacidade de comunicar-se com seus pares.

Como forma de compreender se o indivíduo encontra-se em um estado de desenvolvimento linguístico esperado para a sua idade cronológica, é necessário

determinar os marcos do desenvolvimento linguístico para cada idade biológica. De acordo com Mousinho<sup>10</sup>, marcos do desenvolvimento podem ser avaliados dos 0 aos 5 anos de idade, estando assim na primeira infância o momento primordial que dará início ao desenvolvimento linguístico do sujeito, e que o acompanhará por toda a sua existência.

Os marcos do desenvolvimento estão divididos em nove etapas de acordo com Mousinho<sup>10</sup>, sendo cada uma delas correspondente a um período do desenvolvimento cronológico da criança. Tais etapas serão explicitadas a seguir de acordo com o estudo citado:

**Primeira etapa** (0 aos 03 meses de vida): Espera-se que a criança apresente vocalizações e brincadeiras psicomotoras;

**Segunda etapa** (03 aos 04 meses de vida): Espera-se que a criança inicie balbucio com sons diversos;

**Terceira etapa** (09 aos 10 meses de vida): Criança passa a vocalizar com controle de intensidade e tom vocal; passa a controlar encurtamento e espaçamento de suas vocalizações de maneira a utilizar-se dos balbucios como forma de conversação com seus cuidadores, utilizando-se do controle de tempo em cada balbucio como forma de simular uma comunicação com seu interlocutor, dando-lhes espaço de fala e esperando por sua vez de comunicar-se;

**Quarta etapa** (01 a 02 anos de idade): Espera-se que a criança apresente um vocabulário com em média 50 palavras; apresente estruturas silábicas simples, seja capaz de solicitar algo com uma ou poucas palavras; seja capaz de imitar e desenvolver diálogos curtos com um interlocutor;

**Quinta etapa** (02 a 02 anos e seis meses de idade): Utiliza-se de pronomes na segunda e terceira pessoa; apresenta vocabulário de 150 a 200 palavras; frases passam a ficar mais longa com a inserção de duas ou três palavras; inicia o desenvolvimento da habilidade de responder a duas ordens consecutivas; assume a capacidade de reciprocidade no diálogo; faz-se entender sobre seus desejos através da nomeação de objetos, atribuindo-lhes comentários;

**Sexta etapa** (02 anos e seis meses a 03 anos de idade): Capaz de utilizar-se de pronome na primeira pessoa; estrutura das frases mais complexas com até quatro elementos; utiliza-se de flexões de gênero e número; emissão de advérbio de lugar de forma simples; compreensão de conceitos opositivos; utilização de perguntas com “onde”, “quando” e “quem”; passa a fazer uso de brincadeiras de faz de conta;

**Sétima etapa** (03 anos a 03 anos e seis meses): Uso de frases negativas, interrogativas e relativas; uso dos tempo verbais passado e futuro; relata de modo simples fatos vivenciados; uso de “e”, “aí”, “mas” e “porque”; compreendem e respondem a perguntas como “quem”, “quando”, “onde” e “o que”;

**Oitava etapa** (03 anos e seis meses a 04 anos e 06 meses): Uso de pronomes possessivos; flexões verbais mais elaboradas; uso e compreensão de afirmação, negação e interrogação; uso de formas de tempo e espaço, mesmo que ainda não adequadas; aumento do domínio das preposições;

**Nona etapa** (04 anos e seis meses a 05 anos de idade): Uso de estruturas passivas, condicionais e circunstancias de tempo mais complexas; uso de voz passiva e conexões adverbiais completas; compreensão de histórias maiores e capacidade de responder a perguntas simples sobre estas; fala fluente com utilização de todos os elementos para a construção de uma frase completa.

O contínuo avanço da criança por cada etapa, vivenciando cada um dos estágios com o estímulo necessário, será capaz de incentivar a aquisição saudável da linguagem, estimulando que a criança compreenda e busque a linguagem como ferramenta capaz de lhe proporcionar inserção social e compreensão do meio que a cerca, sendo cada etapa vivenciada como um estímulo para o seu avanço e busca pela etapa a seguir de forma natural. Cada etapa vivenciada prepara a criança para a etapa seguinte e conseqüentemente possibilita maior manejo com a linguagem de maneira cada vez mais complexa.

Assim como a linguagem vai sendo adquirida através de etapas que possibilitam a criança experimentar e compreender a linguagem de acordo com o seu nível de maturidade cerebral, é necessário que a sua experimentação com a língua se dê de maneira simples e lúdica com o intuito de estimulá-la na busca pelo seu desenvolvimento linguístico. Nesse aspecto, as histórias infantis podem ser utilizadas como ferramentas que propiciem à criança a possibilidade de experimentar a linguagem de maneira lúdica.

O processo de aprendizagem ocorre a partir de informações estruturadas e organizadas, de forma que o cérebro possa compreender as informações prestadas de maneira lógica, instigando-o assim a aprender e adquirir conhecimento. Dessa forma, a utilização de histórias como ferramenta para estimular o conhecimento mostra-se como uma possibilidade ideal para o cérebro já que as histórias apresentam-se de maneira estruturada e organizada, apresentando um roteiro com princípio, meio e fim, além de serem um elemento novo ao cérebro, estimulando assim o seu interesse, facilitando sua retenção das informações ali contidas de maneira mais eficaz.<sup>11</sup>

Com o objetivo de aprimorar a apreensão de conteúdos, o cérebro faz uso de cenários organizados para compreender o mundo e suas experiências exteriores. Assim,

fazer uso de materiais organizados como ferramenta de aprendizagem, propicia ao cérebro a lógica necessária no ato de aprender, estimulando seu interesse pelo material exposto.<sup>12</sup>

Elementos específicos da constituição de uma história e a forma como esta se organiza, apresentam uma construção linguística propícia para a sua compreensão, formada por cinco elementos constitutivos em sua organização, sendo eles: cenário (apresenta e contextualiza a história); tema (situação que leva os personagens a agirem frente uma problemática) e resolução (solução da problemática central da história). Todos estes elementos colocados em ordem em uma história levam o sujeito a analisar e compreender os eventos apresentados de maneira ordenada e cronológica, tornando as informações mais acessíveis e interessantes ao cérebro.<sup>13</sup>

De maneira lógica e organizada o cérebro interessa-se pelo conteúdo apresentado, tornando a aprendizagem possível e menos laboriosa. Dessa forma, a aquisição do conhecimento se torna possível através da linguagem, organizada e contextualizada.

O processo de aquisição da linguagem, para as teorias cognitivistas, pressupõe a linguagem como uma capacidade inata do sujeito, já que este nasce com todo o aparato biológico necessário para o seu desenvolvimento, sendo a linguagem, nesta perspectiva, compreendida como parte da cognição.<sup>14</sup> Assim, dentro das linhas cognitivistas (interacionistas e construtivistas), a linguagem é tida como uma forma de representação do mundo, permitindo ao sujeito evocar através das palavras, objetos e experiências ausentes naquele momento, sendo a linguagem assim compreendida como um instrumento.



É possível fazer uso da representação de um objeto e posteriormente de uma experiência, através do conceito de constância objetal, onde a criança é capaz de representar objetos ausentes através da palavra, utilizando-se do simbolismo.<sup>15</sup> A capacidade de utilizar-se do simbolismo provém da evolução da capacidade cognitiva do sujeito, que ao experimentar o meio social, através de buscas ativas e relacionar tais experiências com o seu mundo interior é capaz de compreender o meio na qual está inserida; a linguagem assim seria uma construção da interação da criança com o meio, sendo um reflexo de suas capacidades cognitivas.<sup>16</sup>

A linguagem passa a ser uma ferramenta do processo de aquisição do conhecimento, sendo responsável por mediar a relação do sujeito com o mundo ao seu redor. Para compreender aspectos mais elaborados do conhecimento, é necessário que o sujeito se utilize dos aspectos de compreensão e emissão da linguagem, fazendo uso desta como uma ferramenta que lhe proporcionará os meios necessários para adquirir o conhecimento que anseia.<sup>15</sup>

A linguagem como ferramenta que propicia a aquisição do conhecimento não deve ser vista como um meio em separado de outros aspectos do indivíduo, como sociabilidade e afetividade, por exemplo, devendo tais aspectos serem levados em consideração ao se falar de aquisição e desenvolvimento linguístico, podendo as histórias, nesta perspectiva servirem como instrumentos potencializadores de mediação para o desenvolvimento emocional e social do sujeito.

Assim como as histórias são capazes de possibilitar ao sujeito conteúdos organizados e estruturados para auxiliar no desenvolvimento cognitivo e linguístico<sup>11</sup>, essa ferramenta também é capaz de auxiliar o sujeito em seu desenvolvimento emocional e social.

No espaço da contação de histórias, a criança experimenta o contato com a realidade e com as emoções de maneira mediada pelo faz de conta: através das histórias a criança pode representar papéis e visualizar cenas, encarando problemáticas e solucionando-as de forma lúdica e livre, podendo experimentar formas diversas de ser e estar no mundo, testando formas distintas de pensar o mundo ao seu redor pela perspectiva dos personagens.<sup>17</sup> Nestes momentos de experimentação, a criança tem a oportunidade de lidar com situações diversas do mundo que a cerca de maneira lúdica, mas também é capaz de experimentar e lidar com as próprias emoções: personagens bons, maus, tristes ou felizes são capazes de proporcionar a criança reflexões sobre os seus próprios sentimentos, desejos e interesses, auxiliando-a no seu conhecimento do mundo exterior, mas também de seu mundo interior.<sup>18</sup>

Estudos diversos analisam o uso da contação de histórias como ferramenta de intervenção para a ressignificação de experiências,<sup>19,20,21</sup> relatando que ao contar e/ou ouvir histórias lúdicas, o sujeito é capaz de distanciar-se de suas vivências reais de maneira concreta, passando a lidar com suas experiências reais de maneira lúdica, encontrado meios de lidar e superar a dor através da fantasia.

A história contada pode ser a mesma, mesmas palavras, mesmo texto, mas a história ouvida pode ser diferente e distinta para cada um que a escuta, em momentos diversos. Dessa forma, a história traz a possibilidade de o sujeito, através de sua escuta, significar e ressignificar sua própria história e experiências, enxergando-se pelos olhos de cada personagem contido na literatura, afastando-se de si e do mundo concreto enquanto ouve a narrativa, mas ao mesmo tempo aproximando-se de si de maneira lúdica, permitindo-se entrar em contato consigo através da fantasia e dessa forma, compreendendo a si e experimentando formas de lidar com as suas problemáticas.<sup>21</sup>

Nesta perspectiva, a contação de histórias abarca não apenas a linguagem do sujeito do ponto de vista de sua cognição, mas abrange os aspectos emocionais e sociais do sujeito, podendo ser utilizada não somente para impulsionar o desenvolvimento de suas habilidades linguísticas, mas também suas habilidades sociais e afetivas, auxiliando a desenvolver cada um desses aspectos no indivíduo.

Em se tratando de desenvolvimento de habilidades através da contação de histórias, a mais proeminente das habilidades adquiridas encontra-se no aspecto das habilidades linguísticas. As habilidades linguísticas se referem a capacidade do indivíduo em fazer uso da língua de maneira intencional, articulada, expressando uma ideia de maneira compreensível para o seu interlocutor e com a velocidade de emissão adequada, com o intuito de sua mensagem não ser comprometida pela velocidade de emissão exacerbada.<sup>10,22</sup>

De acordo com Yavas<sup>22</sup>, a criança inicia seu processo de desenvolvimento de habilidades linguísticas por volta dos 04 anos de idade, onde já seria capaz de compreender e expressar solicitações simples e diretas, passando a desenvolver, aos poucos, maior desenvoltura no uso da língua, adicionando cada vez mais as suas frases, maior número de palavras, de maneira mais articulada e compreensível para o seu interlocutor. Neste processo de desenvolvimento linguístico, a criança passa não apenas a compreender comandos mais complexos, mas também passa a reconhecer quando a sua fala não foi suficientemente clara ou que algum erro na linguagem foi cometido, reconhecendo-o e corrigindo-o por conta própria, de forma a adequar sua comunicação para uma emissão linguística mais adequada.

Cada reconhecimento de “erros” e “acertos”, por parte da própria criança, em sua emissão linguística, levam-na ao desenvolvimento cada vez mais complexo da língua, permitindo, no futuro, usos cada vez mais eficientes da linguagem.<sup>22</sup> Atividades

como falar com a criança, encorajá-la a falar com amigos através de brincadeiras, cantar, contar histórias e também ouvi-las quando contadas pelas próprias crianças, são atividades que proporcionam as mesmas, momentos de treino e desenvolvimento de habilidades linguísticas, que a cada etapa, serão cruciais para o seu desenvolvimento linguístico como um todo.<sup>23,24</sup>

## **II. OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo Geral**

Compreender como a utilização de contação de histórias infantis pode influenciar o desenvolvimento de habilidades linguísticas em crianças.

### **2.2 Objetivos Específicos**

Descrever o que e quais são as habilidades linguísticas estudadas.

Verificar se a contação de histórias interfere nas habilidades linguísticas das crianças.

Conhecer o processo de aquisição linguística após a utilização da contação de histórias;

Entender o papel da afetividade, ludicidade e da contação de histórias no processo de sociabilização infantil.

## III. MÉTODO

### 3.1. Tipo de estudo

O estudo foi realizado sob a perspectiva do método observacional participativo do tipo estudo de casos múltiplos<sup>25</sup>, levando em consideração que tem sido o método mais utilizado em estudos de ciências sociais e psicológicas por proporcionar ao pesquisador a possibilidade de integrar e interagir com os sujeitos participantes da pesquisa de forma não apenas a coletar dados, mas compreender ativamente os fenômenos que se apresentam naquele grupo, tanto de maneira comparativa quanto individual. Neste tipo de estudo, não se pretende avaliar a incidência do fenômeno, mas compreender o contexto no qual ele se produziu<sup>25</sup>.

A metodologia de estudo de casos múltiplos, consiste em analisar e comparar casos diversos através de um olhar qualitativo, não no intuito de mensurar sujeitos, mas de compreender como determinado fenômeno a ser estudado se apresenta em cada indivíduo pesquisado. Dessa forma, esse modelo de pesquisa visa não comparar um sujeito com o outro, mas comparar modos de subjetividade e experiências vividas por cada sujeito, comparando assim abstrações e não sujeitos<sup>26</sup>.

A utilização da metodologia de casos múltiplos possibilita ampliar o olhar sobre um determinado fenômeno, não observando-o apenas através de um único sujeito e uma subjetividade, mas podendo observar a existência de um fenômeno através de várias subjetividades e como cada uma delas reage as experiências vividas, analisando sua incidência e o modo como ela influencia e é influenciada em um determinado grupo social. Dessa forma, a análise de casos múltiplos permite, facilitando assim a percepção de experiências, relações, fenômenos e estruturas, não se baseando apenas em uma

única experiência e por essa razão, podendo facilitar a criação de teorias, já que estas foram observadas não apenas em um único sujeito, mas em um grupo social.<sup>26</sup>

Nesse método de estudo, o pesquisador e seus instrumentos desempenham papel ativo na coleta, análise e interpretação dos dados. Dado que a realidade não é fixa, estando o ambiente sujeito a mudanças que não interferem negativamente na coleta de dados<sup>27</sup>.

O modelo de estudo de casos múltiplos, permite a comparação entre fenômenos ocorridos com sujeitos distintos<sup>26</sup>, assim, optou-se por esse modelo metodológico como forma de comparar cada criança com si mesma em momentos distintos da coleta de dados (antes e depois da participação no projeto Palavra Mágica) com o intuito de perceber se houve mudanças na linguagem de cada criança pesquisada e quais mudanças ocorreram, sempre tendo como via de análise o fenômeno do desenvolvimento linguístico de cada criança individualmente, não com o intuito de classificá-la, mas com o objetivo de verificar o desenvolvimento linguístico dos participantes, tendo como via de análise o fenômeno da linguagem.

Optou-se pela metodologia de estudo de casos múltiplos devido à viabilidade de aplicá-la em um pequeno grupo de pessoas ao mesmo tempo sem perder a possibilidade de emergir na compreensão dos dados coletados, de forma a não apenas quantificar o fenômeno que se apresenta, mas compreender como ele ocorre e sua significação para cada sujeito participante do estudo.

O estudo de casos múltiplos se mostra não apenas como um método de pesquisa, mas apresenta-se como possibilidade interventiva, já que sua estrutura se dá a partir do método de intervenção na psicologia e ciências sociais como um todo, onde a escuta e

observação caminham juntas às possibilidades interpretativas de intervenção junto ao sujeito, seja esse o sujeito da pesquisa, seja o sujeito da análise<sup>25</sup>.

### **3.2. Local do estudo**

O estudo foi realizado em um projeto de extensão executado por uma instituição privada de ensino superior (IPES), denominado “Palavra Mágica”, o qual consiste em incentivar o ato da leitura em crianças em idade escolar (06 a 08 anos de idade) através da contação de histórias infantis, bem como uso de atividades lúdicas como pinturas, recortes, colagens, músicas, filmes infantis e discussões em grupos de crianças, com intuito de debater as temáticas apresentadas pelo projeto às crianças participantes do grupo.

O grupo com crianças participantes do projeto “Palavra Mágica” ocorre em uma escola pública municipal, localizada na região metropolitana do Recife.

A instituição em questão atende cerca de 150 crianças e adolescentes de baixa renda socioeconômica diariamente, oferecendo aulas diárias (segunda a sexta-feira) nos períodos da manhã e tarde.

O projeto “Palavra Mágica” executa ações de contação de histórias semanalmente (quartas-feiras) no período da tarde por cerca de uma hora. O grupo acontece em uma sala de aula da escola com a participação de cerca de 20 crianças, de ambos os sexos e com idades entre 06 e 08 anos de idade.

### **3.3. Período do estudo**

O período de estudo teve início em agosto de 2018 com a entrega do pré-projeto e submissão à banca de qualificação neste período, tendo no mês de setembro deste



mesmo ano sido submetido ao comitê de ética para apreciação e recebido a aprovação para início da coleta de dados em outubro de 2018. Em fevereiro de 2019 a escola participante do projeto “Palavra Mágica” assinou a carta de anuência apresentada, autorizando a pesquisadora a dar início a coleta de dados. Entre os meses de fevereiro e março de 2019, os responsáveis legais das crianças participantes do projeto foram convidados a reuniões junto a pesquisadora com o intuito de serem esclarecidos sobre a pesquisa e convidados a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) como forma de aceitar a inclusão das crianças na pesquisa.

Entre os meses de abril e junho foram realizadas as coletas de dados junto aos participantes, sendo realizada a primeira coleta de dados com os participantes no mês de abril e a última coleta no mês de junho, sendo o período entre estes dois momentos utilizado para acompanhar as crianças participantes da pesquisa através de filmagens e observações participativas ao longo do projeto.

No período de julho a agosto de 2019 foi realizada a transcrição e análise dos dados coletados, dando início a construção da dissertação no período de setembro de 2019.

### **3.4. População do estudo**

Crianças de ambos os sexos com idade entre 06 e 08 anos, que frequentassem com regularidade o grupo de contação de histórias existente na escola, bem como não apresentassem sinais ou diagnóstico nosológico referente ao comprometimento do desenvolvimento linguístico. Optou-se por esta população devido ao início do processo de alfabetização escolar no qual tais infantes se encontram o que viabilizou maior possibilidade de manejo e interesse destes pelos livros com histórias escritas, bem como maior independência durante o desenvolvimento do grupo, já que se espera que crianças

nesta faixa etária possuem maior capacidade de verbalização e habilidades sociais para desempenhar suas funções no grupo, demonstrando opiniões e desejos.

### **3.5. Amostra**

A pesquisa teve uma amostra total de sete crianças participantes do projeto “Palavra Mágica”, com idades entre 06 e 08 anos, de ambos os sexos e que estivessem frequentando regularmente a escola.

A amostra foi realizada por conveniência e arbitrada pela pesquisadora, vinculada aos critérios de inclusão e exclusão da pesquisa.

Esse recorte de participantes mostrou-se em número suficiente para compreender como a contação de histórias pode influenciar a aquisição linguística de crianças em idade escolar, já que o estudo foi qualitativo, procurando compreender como esse fenômeno ocorre nesta população.

#### **3.5.1. Amostragem**

A amostragem desta pesquisa tomou como preditor o tipo de estudo de abordagem qualitativa com procedimento de estudo de casos múltiplos, e o número de meses estabelecido para a coleta dos dados foi de três meses (abril a junho).

A obtenção da amostragem foi realizada a partir do quantitativo de crianças participantes do projeto “Palavra Mágica”, onde estas foram convidadas a participar da pesquisa, não sendo seus horários de participação no projeto alterados (para mais ou menos tempo) devido à participação no estudo. Dessa forma, só participaram da pesquisa as crianças que fizeram parte do projeto, ficando então a amostra diretamente

ligada ao quantitativo de crianças participantes das sessões de contação de história do “Palavra Mágica”.

Todas as crianças participantes do projeto que tinham entre 06 e 08 anos de idade foram convidadas a participar da pesquisa (com autorização prévia de seus respectivos responsáveis), sendo então a amostra classificada como sendo por conveniência.

Pesquisas do tipo qualitativas por estudo de casos múltiplos não necessitam de um quantitativo grande para a sua realização, estando o enfoque voltado para a compreensão do fenômeno e não para a quantidade de vezes em que ele se apresenta na população, dessa forma, não se faz necessário um número superior ao estabelecido como amostra para essa pesquisa<sup>26</sup>.

### **3.5.2. Tamanho Amostral**

A amostra para a pretendida pesquisa foi de sete crianças com idade entre 06 e 08 anos de idade, de ambos os sexos e que frequentavam a instituição educacional com regularidade de 100%. Esse número específico de sujeitos para a pesquisa se deve ao fato de ser o quantitativo avaliado suficiente para a realização da pesquisa, bem como devido à autorização dos responsáveis pelas crianças à pesquisa, bem como voluntariedade das crianças em participar.

Por ser do tipo qualitativa, tal número restrito de participantes não influenciaram negativamente na coleta de dados e respectiva análise.

### **3.6. Critérios e Procedimentos para a seleção dos participantes**

### **3.6.1. Critérios de Inclusão**

Foram incluídas no estudo crianças na faixa etária entre 06 e 08 anos de idade, de ambos os sexos, que estivessem matriculadas na instituição de ensino regular e que compareceram com frequência absoluta de 100% ao projeto “Palavra Mágica”. Todas as crianças concordaram em participar voluntariamente da pesquisa mesmo que seus responsáveis já tenham autorizado à participação da criança.

### **3.6.2. Critérios de Exclusão**

Foram excluídas da pesquisa crianças que apresentassem diagnóstico confirmado para déficits que poderiam incorrer em dificuldades linguísticas ou de concentração, compreensão e execução de comandos de baixa complexidade, como TEA, TDAH ou déficits cognitivos.

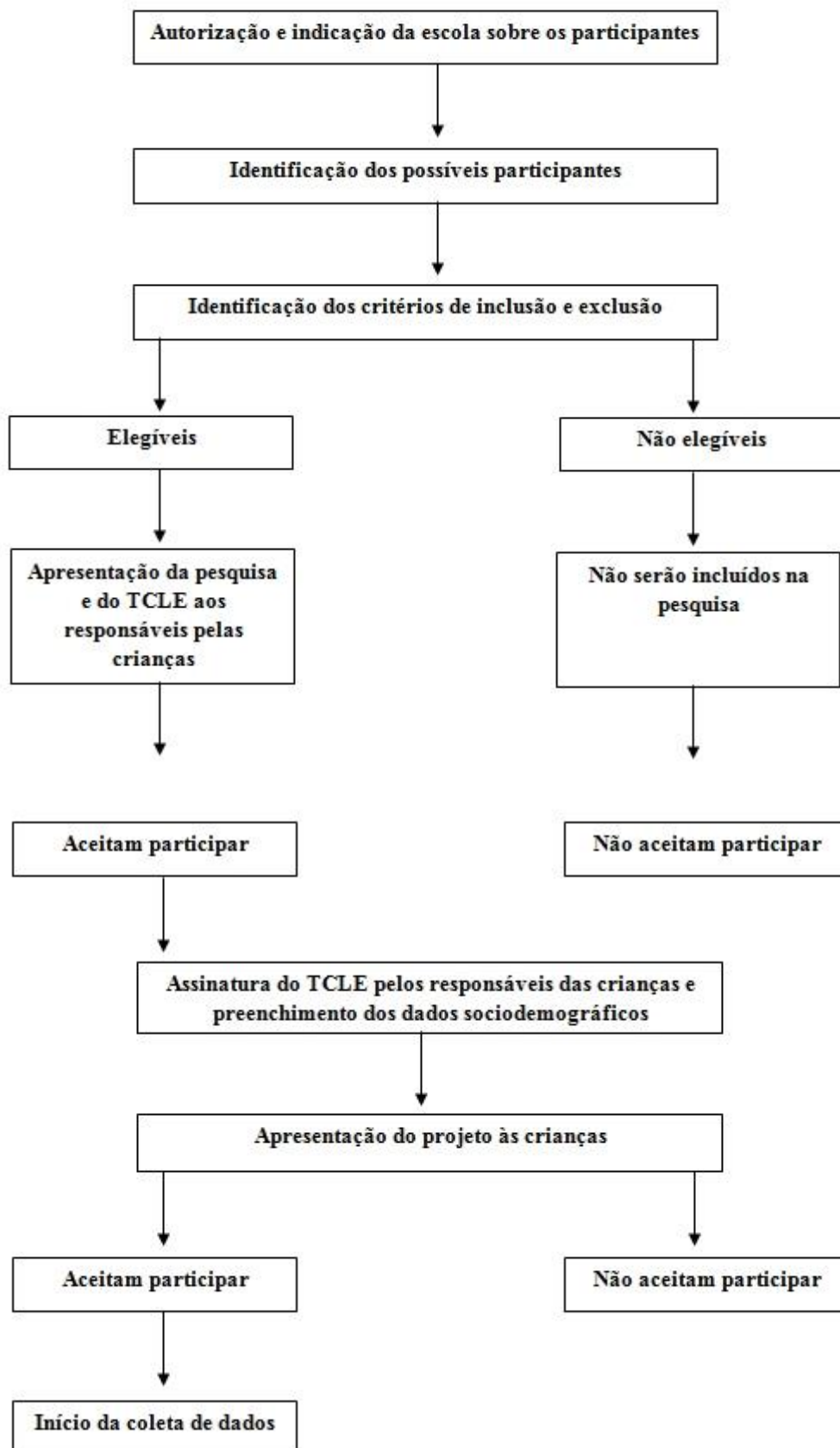
### **3.6.3. Procedimentos para a captação e o acompanhamento dos participantes**

Foi realizado contato prévio com a escola municipal infantil responsável por receber o projeto “Palavra Mágica”, apresentando a proposta da pesquisa e coletando a assinatura da carta de anuência (anexo I). Após este primeiro momento foi feito o contato com os responsáveis pelas crianças participantes do projeto “Palavra Mágica” que preenchessem os critérios de inclusão para a participação na pesquisa, convidando-os a conhecer e autorizar a participação dos infantes na pesquisa. Para isso foi realizada a apresentação da proposta da pesquisa, associada à leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE 1).

Após a devida autorização e assinatura do TCLE, a pesquisadora, junto aos responsáveis por cada criança autorizada a participar da pesquisa, coletou os dados sociodemográficos das crianças participantes do projeto (com o intuito de verificar os critérios de elegibilidade) através do uso de formulário sóciodemográfico (anexo II)

As coletas ocorreram uma vez por semana durante uma hora (período em que ocorreu o projeto “Palavra Mágica” na instituição) nas sessões de contação de histórias. No primeiro contato com os infantes para a coleta de dados, após apresentação da pesquisadora, crianças foram convidadas a contar uma história de forma livre e individual com o intuito de verificar quantidade de palavras utilizadas, uso gramatical, fluência verbal e imaginativa; posteriormente participaram das sessões de contação de histórias até que na última sessão de acompanhamento dos infantes no processo de coleta de dados, foi solicitado novamente que infantes contassem uma história de forma livre e individual para que fosse avaliado se a participação em sessões de contação de histórias teve algum impacto no desenvolvimento de suas habilidades linguísticas.

#### **3.6.4. Fluxograma de captação e acompanhamento dos participantes**



### **3.6.5. Critérios para Descontinuação do Estudo**

Não houve intercorrências que demandasse interrupção do estudo.

## **3.7. Coleta de Dados**

### **3.7.1. Instrumentos de Coleta de Dados**

Os dados foram coletados mediante a realização do preenchimento, por parte da pesquisadora, dos dados sociodemográficos das crianças participantes do projeto “Palavra Mágica” junto aos responsáveis das crianças, com o intuito de verificar condições econômicas, familiares e educacionais de cada criança (Ver APÊNDICE 2). Posteriormente, antes da intervenção do projeto de extensão “Palavra Mágica”, foi realizada a primeira coleta de dados, sendo solicitado que cada criança participante da pesquisa contasse uma história de forma livre e individual.

Após a intervenção do projeto de extensão junto às crianças, estas foram novamente convidadas a participar da segunda coleta de dados, onde novamente foi solicitado que cada uma contasse uma história de forma livre e individual. Estas ações foram filmadas para transcrição das histórias, análise da qualidade das histórias contadas e visualização e comparação das reações das crianças a esta atividade, sendo o fenômeno da linguagem observado em cada criança após a intervenção do projeto de extensão “Palavra Mágica”.

Todas as sessões posteriores de contação de histórias foram filmadas para acompanhamento do processo linguístico e social das crianças participantes da pesquisa, bem como foi mantido arquivo escrito sobre o comportamento verbal das crianças durante realização do projeto “Palavra Mágica”. Ao fim do tempo de acompanhamento dos participantes do projeto, foi solicitado que crianças contassem novamente uma

história, de forma livre e individual, que também foi filmada para posterior transcrição e análise.

O material, produto da coleta, será mantido em local seguro por um período de cinco anos, sendo incinerados após este prazo.

### **3.7.2. Coleta de Dados**

Foram utilizadas filmagens durante as sessões de coleta de dados com o intuito de coletar informações visuais do desenvolvimento linguístico dos participantes durante o projeto.

## **3.8. Processamento e Análise de Dados**

### **3.8.1. Processamento dos Dados**

Após a coleta dos dados, todas as filmagens foram transcritas para o banco de dados, informando não apenas o conteúdo das histórias contadas pelas crianças, mas também seu comportamento sócio-interacional.

Os dados obtidos da coleta de dados, depois de transcritos pela pesquisadora, foram categorizados e classificados em tabelas, com o intuito de comparar número de palavras utilizadas pelas crianças na primeira e segunda história contada por eles, fluência verbal de cada criança nesses momentos, utilização de elementos imaginativos e capacidade de interação social, anterior e posterior a participação no projeto “Palavra Mágica”. Dessa forma, foi utilizado o método de categorização dos eventos, que consiste em criar categorias classificatórias agrupando os fenômenos recorrentes em cada categoria com o intuito de verificar e incidência de cada fenômeno e como ele se



apresenta<sup>27</sup>, sendo criada uma matriz de categorias, dispondo os fenômenos achados durante a coleta de dados em quadros comparativos a fim de categorizar e comparar as habilidades linguísticas dos infantes, antes e depois da participação no projeto “Palavra Mágica”.

Nesta etapa, todos os dados coletados através de filmagens e questionário de informações sociodemográficas foram revisados e utilizados a depender de sua elegibilidade, qualidade da informação e arquivo e organização.

### **3.8.2. Análise dos Dados**

Os dados coletados foram submetidos ao processo de análise qualitativa do tipo estudo de casos múltiplos, utilizando-se do método de categorização de eventos<sup>28</sup>, criando-se assim quadros comparativos de dados coletados junto aos participantes no início do projeto “Palavra Mágica” e no final do período da coleta de dados da presente pesquisa com o intuito de verificar e comparar o número de palavras utilizadas por cada criança em sua contação de história livre e individual. Os fenômenos foram agrupados em três categorias para análise: fluência verbal (capacidade de organizar pensamento e transmiti-lo em linguagem compreensível), utilização de elementos imaginativos (descrever cenário da história e como ocorre) e capacidade de interação social (interagir com a pesquisadora durante a contação e com os colegas durante as sessões de contação de histórias do projeto).

A pesquisadora em questão foi a responsável pela análise dos dados, não utilizando-se de programa estatístico para analisar os dados, valendo-se de método qualitativo, com o uso de quadros comparativos para apresentação e discussão dos dados obtidos, como forma de compreender como o fenômeno das habilidades

linguísticas de cada infante se apresenta e a possível influência da contação de histórias nesse processo.

A primeira etapa do processo de análise consiste em categorizar os fenômenos observados agrupando-os em três categorias: fluência verbal, elementos imaginativos e interação social, a segunda etapa consiste em quantificar cada fenômeno ocorrido por categoria, verificando assim a incidência de cada um dos fenômenos ocorridos durante a coleta de dados, bem como a duração de cada fenômeno apresentado e a terceira etapa consiste em analisar os fenômenos agrupados nas categorias descritas acima, interpretando-os a luz da teoria e compreendendo como o desenvolvimento linguístico dos participantes se deu ao longo da pesquisa.

### **3.9. Aspectos Éticos**

Essa pesquisa seguiu as orientações da resolução Nº 510/2016 sobre a Ética na Pesquisa na área de Ciências Humanas e Sociais do Conselho Nacional de Saúde (CNS)<sup>29</sup>, sendo submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS). Os sujeitos participantes da pesquisa foram convidados a participar da pesquisa, de forma voluntária, sendo esclarecidos (inclusive seus responsáveis legais) quanto ao objetivo do estudo, aos procedimentos a serem realizados na pesquisa e à garantia do sigilo. Após esta etapa, foi solicitada a permissão aos responsáveis para a realização do estudo, mediante a prévia leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 1).

A presente pesquisa teve como benefício aos participantes a possibilidade de incentivar a contação de histórias entre os mesmos, bem como proporcionar momentos de lazer, ludicidade e interação social entre seus pares. Não foram observados

malefícios as crianças participantes da pesquisa, bem como aos seus responsáveis ou professores.

### **3.10. Conflito de interesses**

Não houve conflitos de interesses para a realização da presente pesquisa por parte do pesquisador responsável ou de seus colaboradores.

## IV REFERÊNCIAS

1. Sirgado AP. O conceito de mediação semiótica em Vygotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano. *Educação e Sociedade*. 2000; 20 (24): 38-59.
2. Moreira AP. Linguagem e aprendizagem significativa. II encontro internacional linguagem, cultura e cognição. 2003; 1 (1): 1-17.
3. Smolka ALB. Conhecimento e produção de sentidos na escola: a linguagem em foco. *Caderno Cedes*. 2000; 20 (35): 50-61.
4. Shaffer DR, Kipp K. *Psicologia do desenvolvimento: infância e adolescência*. 8. São Paulo: Cengage Learning; 2012.
5. Montoya AOD. Pensamento e linguagem: percurso piagetiano de investigação. *Psicologia em estudo*. 2006; 11 (1): 119-126.
6. Ferreira SS. Por que falar ao bebê se ele não compreende?. In: Camarotti MC. *Atendimento ao bebê: uma abordagem interdisciplinar*. 1. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2001. p. 97-116.
7. Flores MR, Beltrami L, Souza APR. O manhês e suas implicações para a constituição do sujeito na linguagem. 2011; 23 (2): 143-152.
8. Lima RMJ. A hipótese do período crítico na aquisição de língua materna. *UFES*. 2007; 1(1); 1-15.
9. Santana AP. Idade crítica para aquisição da linguagem. *PUCSP*. 2004; 16(3): 343-354.
10. Mousinho R, Schmid E, Pereira J, Lyra L, Mendes L, Nóbrega V. Aquisição e desenvolvimento da linguagem: dificuldades que podem surgir neste percurso. *Psicopedagogia*. 2008; 25 (78): 297-306.
11. Machemann JG, Munari PFS, Duro C. Literatura infantil: prática da cotação de histórias e aspectos neuropsicológicos. *Facos*. 2012; 1 (4): 25-26.
12. Morrow LM. Effects of structural guidance in story retelling on children's dictation of original stories. *Journal of Reading Behavior*. 1986; 18 (2): 135-152.
13. Oliveira JP, Bonki E, Braga TMS, Schier AC. Produção de conhecimento sobre narrativas orais: contribuições para as investigações em linguagem infantil. *Revista CEFAC*. 2013; 15 (1): 207-214.
14. Santos R. A aquisição da linguagem. In: Fiorin JL. *Introdução à linguística I: objetivos teóricos*. 1. Porto Alegre: Contexto; 2008. p. 211-226.

15. Dias F. O desenvolvimento cognitivo no processo de aquisição de linguagem. *Letrônica*. 2010; 3 (2): 107-119.
16. Zorzi JL. A intervenção fonoaudiológica nas alterações de linguagem infantil. 2. Rio de Janeiro: Revinter; 2002.
17. Santos RM. A contação de histórias como instrumento de socialização na educação infantil. *Lume*. 2011; 1 (1): 1-51.
18. Tomaselli AD. A relação entre afetividade e cognição no desenvolvimento infantil. *IPGEX*. 2007; 1 (1): 1-5.
19. Brustelo TNC, Bravo FF, Santos MA. Contando e encantando histórias de uma vida em um Centro de Atenção Psicossocial. *SMAD*. 2010; 1 (6): 1-11.
20. Cunha JHS, Gradim LCC, Costa JD, Andrade PF, Oliveira NP, Pinto AC. A experiência da terapia ocupacional com contação de histórias em uma instituição educacional. *CadernosdeTO*. 2015; 23 (1): 221-225.
21. Follador SFH. Do sabor de contar histórias ao saber sobre a história para o ouvinte: estudo sobre a contribuição da contação de histórias ao desenvolvimento do pensamento na criança. *Lume*. 2011; 1 (1): 1-105.
22. Yavas F. Habilidades linguísticas na criança: uma visão geral. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. 1988; 1 (14): 39-51.
23. Rosado MJS. A brincadeira como promotora do desenvolvimento: um estudo exploratório. *Repositório da Universidade de Lisboa*. 2014; 1 (1): 1-71.
24. Wajskop G. Linguagem oral e brincadeira letrada nas creches. *Educação e realidade*. 2017; 42 (4): 1355-1374.
25. Carneiro C. O estudo de casos múltiplos: estratégia de pesquisa em psicanálise e educação. *Psicologia USP*. 2018; 2 (29): 314-321.
26. Verztman J. A estratégia de estudo de casos múltiplos na pesquisa clínica em psicanálise. *Psicopatologia fundamental*. 2009; 1 (1): 1-8.
27. Gerhardt TE, Silveira DT. *Métodos de pesquisa*. 1st ed. Porto Alegre: UFRGS; 2009.
28. Yin RK. *Estudo de caso: Planejamento e métodos*. 5nd ed. Porto Alegre: Bookman; 2015.
29. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510/2016. Trata sobre a ética na pesquisa na área de ciências humanas e sociais. [Internet]. *Diário Oficial da União*. 7 abr. 2016 (acesso jul. 2018). Disponível: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510\\_07\\_04\\_2016.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html).

## **V RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Nesta sessão, serão apresentados os resultados I e II, sendo o I a discussões da pesquisa em forma de artigo conforme as normas gerais da revista: Interface, em formato Vancouver. E o II, a apresentação do produto educacional em forma de livro infantil.

## **ARTIGO: A importância das histórias e do elemento da imaginação para o campo da saúde mental.**

### **Introdução**

É importante saber que o conceito de saúde mental tal qual preconizado pelo Ministério da saúde desde 1946, é um conceito que vai além da ideia de ausência de doença e que inclui fatores culturais e de bem estar. A saúde mental portanto é bem mais complexa que simplesmente considerar a ausência de manifestações das doenças. Tal conceito inclui aspectos sociais, econômicos, culturais e ambientais. Nesse sentido, a construção das histórias permite uma aproximação com o campo da psicologia da saúde. Contar histórias é a forma do homem viver e de criar o seu mundo, o que é falado nem sempre está presente e ele precisa da imaginação para conversar com os outros e conviver socialmente. O ser humano se comunica através das histórias, assim como também escreve a sua própria história no mundo em que vive.<sup>1</sup>

Antes de poder comunicar-se de forma complexa e bem elaborada, ou mesmo saber contar histórias, nós, seres-humanos, passaremos por um longo processo, chamado de aquisição da linguagem, no qual seremos introduzidos e “treinados” em nossa língua materna (L1) para que possamos, no decorrer do desenvolvimento, sermos cada vez mais bem sucedidos na tarefa de nos comunicarmos. O processo de aquisição da linguagem, envolve cinco componentes cruciais para o seu desenvolvimento, sendo estes: fonologia, morfologia, semântica, sintaxe e uso pragmático da linguagem.<sup>2</sup>

Fonologia: Refere-se às unidades dos sons que compõe o sistema sonoro e a combinação desses sistemas para a produção significativa da fala<sup>2</sup>;

Morfologia: São as regras da língua que gerenciam a combinação correta de sons significativos para a criança, a fim de formar as primeiras palavras, baseada nos primeiros sons escutados e balbuciados previamente por ela;<sup>2</sup>

Semântica: Refere-se ao processo de expressar fonemas, palavras e/ou frases de forma a atribuir-lhes significados complexos.<sup>2</sup>

Sintaxe: Estrutura gramatical de uma língua, onde as regras são utilizadas de forma combinada, no intuito de produzir frases completas complexas e com significado para o interlocutor;<sup>2</sup>

Uso pragmático da linguagem: Refere-se ao processo de utilizar todas as regras gramaticais anteriormente apresentadas, de forma a adequar a fala ao contexto sócio-cultural no qual está inserida no presente momento. Além das regras gramaticais, o uso pragmático da linguagem, envolve o aprendizado e utilização correta de sinais não verbais como: expressões faciais, indícios intencionais, gestos e tons de voz.<sup>2</sup>

Estruturar e organizar informações e conhecimentos é de fundamental importância para a aprendizagem, dessa forma, encontrar meios para organizar o conhecimento a ser transmitido é essencial para sua aquisição. Instigar o cérebro a aprender é a melhor maneira de estimulá-lo para o conhecimento. A utilização de histórias para transmitir conhecimento é a forma ideal de estimular o cérebro a aprender, já que histórias apresentam-se de forma organizada (com início, meio e fim), demonstram roteiro e mostram-se como novidade ao nosso cérebro, fazendo com que esse retenha as informações ali presentes de forma mais eficiente e menos laboriosa possível.<sup>3</sup>

As histórias apresentam elementos constitutivos na sua organização, bem como uma construção linguística típica e propícia para a sua compreensão, contando, em sua



maioria, com um modelo de construção baseado em cinco categorias. Assim uma história pode ser dividida em: 1-cenário – no qual são apresentados contextos sociais e materiais na qual a história acontece; 2-tema – situação inicial que leva os personagens a agirem para solucionar uma problemática; 3-enredo – eventos em que os personagens se envolvem para solucionar uma problemática; 4-resolução – solução da problemática principal da história e 5-sequência – levando o leitor a analisar os eventos apresentados em ordem.<sup>4</sup> As histórias apresentam-se de forma cronológica para seus ouvintes, o que facilita a retenção dos conteúdos de forma significativa, tanto foneticamente, quanto linguisticamente e afetivamente.<sup>3</sup>

As informações e conhecimentos apresentados devem estar de acordo com estágio de desenvolvimento cognitivo da criança,<sup>5</sup> para que esta possa reter as informações ali presentes; Além disso, as histórias contadas para os infantes também devem estar de acordo com o seu momento de desenvolvimento afetivo, cognitivo, social, cultural e psicológico, pois através desta ferramenta, a criança irá adquirir competência cognitiva. Esta ferramenta proporciona à criança a capacidade de elaborar conceitos complexos através da fantasia e da brincadeira, para que não apenas no momento da contação a história faça sentido para a criança, mas que também, posteriormente, redes de sentido possam se formar para estas, tanto na cadeia de sentidos linguísticos, quanto emocionais, afetivos e simbólicos.<sup>6</sup>

A contação de histórias para crianças pode ser utilizada como ferramenta para trabalhar a afetividade dos envolvidos nesta tarefa, contudo, a afetividade também é uma excelente aliada para a aprendizagem e fixação dos conteúdos de linguagem trabalhados durante a contação de histórias.<sup>6</sup> Compreende-se afeto como sentimentos, desejos, interesses, valores, tendências e emoções como um todo.<sup>6</sup> Dessa forma, o

conceito de afetividade aqui exposto, caracteriza-se como um fenômeno amplo, englobando diversas características e não apenas sentimentos expressos e não expressos.

A afetividade e cognição, apesar de diferentes, são complementares e indissociáveis para o desenvolvimento intelectual da criança, contribuindo para a motivação desta em aprender novos conteúdos. Piaget revela uma visão sobre as dimensões cognitivas e afetivas no campo da ação moral, estando toda a ação relacionada a um “fazer”, a um “saber fazer” e um “querer fazer”, estando este último ligado à dimensão afetiva. Assim, tais dimensões (afetivas e cognitivas) estariam associadas, fazendo ambas parte do processo de desenvolvimento intelectual e psicológico da criança.<sup>7</sup>

Adequar, durante a contação de histórias, o timbre de voz, as nuances vocálicas, ilustrações do livro, tamanho da história e o tema da mesma, são formas adequadas de tentar aproximar a criança do conteúdo apresentado, estimulando o córtex cerebral do infante à aquisição de novos conhecimentos.<sup>8,9</sup>

A narrativa de eventos e histórias é uma das primeiras produções linguísticas das crianças realizada de forma complexa e contextualizada, através da capacidade de elencar palavras e produzir e reproduzir histórias, fazendo uso da imaginação, capacidade lúdica e de abstração que o contar histórias é capaz de proporcionar, oferecendo a criança não apenas sua inscrição no mundo das palavras e falas complexas, mas seu desenvolvimento psicológico e emocional com o uso do faz de conta. Através do ato de ouvir e contar histórias é promovido na criança habilidades sociocognitivas, compreensão de estados mentais e capacidade de processamento da informação.<sup>10</sup>

Com o uso da contação de histórias a criança pode criar e recriar o mundo ao seu redor, tendo a possibilidade de ressignificar experiências, relacionar-se com

personagens e situações diversas as suas trabalhando possibilidades cognitivas de soluções de problemas, desenvolvimento de compreensão da temporalidade, trabalhar compreensão de suas próprias emoções e sentimentos alheios, bem como promover sua interação com a língua materna, havendo assim a possibilidade de maior treino linguístico para desenvolvimento de habilidade oral.<sup>9</sup>

As histórias trazem elo entre o homem, a história, a cultura e a sociedade, podendo ser também ponto de partida para a compreensão dos aspectos psicológicos do ser que ouve e que conta histórias.<sup>11</sup> Sendo assim, as histórias não tem valor apenas como entretenimento, mas também como aspecto da cultura de um povo e que pode falar as pessoas através de gerações, inserindo o indivíduo em seu meio sócio-cultural e transgeracional.

Os primeiros contatos do indivíduo com a linguagem de forma lúdica e estruturada, vem através das histórias, sendo elas as fontes dos primeiros heróis, sentimentos de amor, ódio, solidariedade e compaixão que acompanham o enredo das histórias infantis.<sup>11</sup> Dessa forma, investigar o desenvolvimento linguístico de crianças utilizando-se dessa ferramenta lúdica e fantasiosa, permite compreender a inserção dessa criança não apenas no mundo da linguagem, mas também sua inserção no mundo social e afetivo por meio das histórias, tendo papel fundamental na constituição psíquica saudável de uma pessoa.

Cada história traz consigo a possibilidade de a criança falar sobre si mesma e sobre o mundo, além de compreender aspectos pessoais e sociais de maneira lúdica e possíveis para o seu marco de desenvolvimento biológico, social e cultural naquele momento. A história passa a ser uma ferramenta de mediação entre a criança (seu ambiente interior) e o meio social (seu ambiente exterior).

Histórias trazem elementos linguísticos, afetivos e interacionais consigo, mas para que a história seja compreendida e vivida por aqueles que a escutam, é necessário um elemento cognitivo importante para a sua compreensão e assimilação, sendo este elemento a imaginação.<sup>12</sup>

Imaginação de acordo com o dicionário Houaiss<sup>13</sup> refere-se à capacidade do ser humano em representar imagens, chamando ao presente, imagens e experiências por hora passadas, além de também referir-se a capacidade criadora e criativa do ser em criar e fantasiar histórias, objetos e experiências que possam ir além da realidade concreta. Dessa forma, a imaginação mostra-se como um aspecto exclusivo dos seres humanos, dando-lhes a capacidade de ir além da concretude, possibilitando-os de criar e recriar sua realidade através de elementos não existentes fisicamente no local, mas que estão presentes na realidade psíquica do sujeito. Dessa forma, imaginar vai além de um elemento necessário para criar mundos fantásticos e contar histórias, mas representa uma capacidade do ser em recriar-se.

Na teoria interacionista de aquisição linguística,<sup>2,14</sup> tomada como base, a linguagem é adquirida através da interação da criança com o seu meio sócio-cultural, juntamente com o seu aparato biológico, necessário para compreensão e emissão de linguagem. Percebeu-se o quanto a vinculação entre o aparato biológico da criança, a interação desta com o meio, bem como a capacidade desta em comunicar-se com o seu interlocutor de maneira a transmitir algo da sua vida interna de forma compreensível aos que a escutavam é complexa e evoca diversas habilidades como capacidade de compreensão verbal, memória, habilidades sociais e imaginação. Todas essas habilidades cognitivas complexas demandam do infante não apenas falar e ouvir, mas contextualizar seu discurso em um enredo lógico e que abarque seus sentimentos, memórias e imaginação de forma a comunicar cada um desses aspectos ao seu

interlocutor.<sup>15</sup> Dessa forma, o processo imaginativo e a forma de transmitir isso aos seus pares é um processo complexo e que envolve uma capacidade cognitiva adequada e bem articulada, possibilitando a criança criar, recriar e transmitir suas criações através de palavras, sons e gestos.

Através da linguagem o mundo é criado, compreendido e contado de forma única e individual, onde cada sujeito, vivendo em um mesmo espaço (no mundo) é capaz de falá-lo de formas diferentes: o mundo (objeto) é o mesmo, mas a maneira de falá-lo e compreendê-lo passa a ser único, como nos traz Foucault em seu conceito de “Torre de Babel”,<sup>16</sup> onde em cada grupo territorial, um mesmo objeto pode ser nomeado de maneiras diferentes, um exemplo possível é pensar na palavra “bolo” que em inglês é “cake” e em francês é “gateau”, porém seu significado não se prende somente a palavra, mas a significação e a imagem que a palavra nos traz. Dessa forma, a palavra tem a capacidade de evocar a imagem e sua “imaginação” do objeto em si, assim, adquirir e desenvolver a linguagem envolve a capacidade de imaginar. A imaginação está atrelada a compreensão das palavras.

Adquirir linguagem e utilizá-la é criar o mundo com as palavras, substituindo o objeto físico pela língua e o poder de evocação que ela é capaz de oferecer. Através do vazio do objeto e sua inexistência física, ao utilizar-se da linguagem, o sujeito é capaz de evocá-lo, tornando-o presente por meio da sua nomeação.

Pela ausência é possível constituir a linguagem e na ausência se faz necessária a imagem do objeto e conseqüentemente a imaginação deste: imaginar passa a ser essencial para comunicar, tornando essas duas habilidades humanas necessárias e complementares para a linguagem.

De acordo com Girardello<sup>12</sup>, a imaginação é a via que conduz o indivíduo a realidade, através do processo de imaginar, o sujeito é capaz de compreender o mundo

ao seu redor, além de si mesmo, revivendo e antecipando momentos diversos de sua vida, podendo assim alcançar soluções possíveis e impossíveis sobre diversos aspectos, dessa forma, imaginar não afasta o sujeito da realidade, mas possibilita que o mesmo possa aproximar-se do real de forma lúdica, encontrando os meios necessários para enfrentar suas problemáticas.

Desde a infância, a capacidade imaginativa da criança mostra-se como uma das suas principais funções cognitivas e sociais. O infante, através da imaginação, compreende e interage com o mundo ao seu redor. Ele cria e recria sua realidade através da ludicidade, vislucrando várias possibilidades futuras e presentes no seu universo infantil.<sup>12,17</sup> Dessa forma, além do aspecto fantástico que a imaginação traz a criança, esta função também apresenta aspectos importantes para o desenvolvimento cognitivo e linguístico: ao imaginar, além de fantasiar, a criança tem a oportunidade de apreender conceitos, experiências e conteúdos de toda a ordem.<sup>17,18</sup>

Como qualquer habilidade cognitiva, a imaginação precisa ser ensinada e estimulada na criança, levando-a ao exercício de imaginar através do estímulo ao lúdico: a arte, a contação de histórias e ao faz de conta. A falta de estímulo ao ato de imaginar, em situações extremas, leva ao empobrecimento de pensamento: crianças que não são estimuladas a uma vida imaginativa rica apresentam um intenso apego ao mundo “real”, dificuldade em compreender conceitos abstratos, de construir um universo interior particular, além de um empobrecimento da capacidade de faz de conta: contar e compreender histórias fantásticas passa a ocorrer de forma engessada e com pouca diversidade.<sup>17</sup>

O ato de imaginar de acordo com Santos,<sup>19</sup> é uma junção e construção de duas imagens, atual e passada, criando assim algo novo e completamente único para cada

mente humana, dessa forma, as experiências anteriores do sujeito, em forma de memória, se uniriam as suas experiências atuais de forma abstrata e lúdica, gerando novos conceitos e possibilidades para a aprendizagem.

De acordo com Vigotsky,<sup>18</sup> a imaginação seria uma função cognitiva criadora ou reconstrutiva, onde as novas imagens seriam combinações novas de elementos já conhecidos pelo sujeito, mas não novas em si. Dessa forma, além das experiências anteriores, os sentimentos e impressões dos sujeitos no momento em que as situações ocorreram, o modo como se sentiram e como se sentem no momento em que evocam tais experiências, influenciam diretamente no modo como o processo imaginativo se dará, bem como as imagens e contextos que o sujeito construirá em seu processo imaginativo.

Esta pesquisa portanto buscou responder a seguinte questão: De que modo as histórias e seus diferentes elementos podem auxiliar na construção da linguagem de uma criança? Neste sentido, foi utilizada a metodologia qualitativa do estudo de casos múltiplos.

## **Método**

Trata-se de um estudo qualitativo do tipo estudo de casos múltiplos com a participação de 07 crianças com idades entre 06 e 08 anos de idade, de ambos os sexos, matriculadas em uma escola municipal de ensino localizada na Região Metropolitana do Recife e participantes do projeto “Palavra Mágica”, no qual consiste em incentivar o ato da leitura em crianças em idade escolar e realizado por estudantes de cursos de saúde de uma instituição de ensino superior.

A coleta de dados foi realizada por meio de histórias contadas pelas crianças participantes da pesquisa de forma individual. Cada criança era incentivada a contar livremente uma história anteriormente à participação destas no projeto “Palavra Mágica” e posteriormente à participação no projeto. As histórias produzidas antes da intervenção do projeto “Palavra Mágica” e depois da participação no projeto, foram comparadas como forma de visualizar e analisar o desempenho e alterações no desenvolvimento linguístico destas antes e depois das sessões de contação de histórias executadas pelo projeto “Palavra Mágica”, no período de maio a julho de 2019. As histórias contadas pelas crianças foram vídeo-gravadas, posteriormente transcritas, categorizadas e classificadas em três categorias: Fluência verbal, Aspectos Imaginativos e Interação Social como forma de comparar e acompanhar transformações nesses aspectos nas crianças participantes da pesquisa.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa com seres Humanos do IMIP vide CAAE 10393319.5.0000.5569 e atendeu a todas as normas preconizadas pela resolução 510/16.

### **Resultados e Discussão**

Neste tópico serão apresentados os resultados da pesquisa em forma de tabela com informações quantitativas e análises qualitativas das falas das crianças participantes da pesquisa, bem como as discussões provenientes dos dados achados durante as análises.

Todos os nomes utilizados são fictícios, com o intuito de proteger a identidade dos participantes da pesquisa.



	<b>Fluência Verbal (1ª Coleta)</b>	<b>Fluência Verbal (2ª Coleta)</b>	<b>Elementos Imaginativos (1ª Coleta)</b>	<b>Elementos Imaginativos (2ª Coleta)</b>	<b>Interação Social (1ª Coleta)</b>	<b>Interação Social (2ª Coleta)</b>
<b>Elsa</b> (06 anos de idade)	93 palavras	144 palavras	Descrição detalhada de personagens e cenários diversos	Descrição detalhada de personagens e cenários diversos	00:01:39h de interação com a pesquisadora	00:01:27h de interação com a pesquisadora
<b>Bela</b> (06 anos de idade)	474 palavras	539 palavras	Descrição de diversos personagens e cenários, misturando elementos animais e humanos	Descrição de diversos personagens e cenários, misturando elementos animais e humanos	00:03:41h de interação com a pesquisadora	00:04:56h de interação com a pesquisadora
<b>Tiana</b> (06 anos de idade)	84 palavras	100 palavras	Fala sobre a existência dos personagens, mas sem descrever motivações ou cenários	Descrição de uma personagem, situando local onde história se passa	00:03:08h de interação com a pesquisadora	00:01:33h de interação com a pesquisadora
<b>Magali</b> (06 anos de idade)	286 palavras	348 palavras	Descrição detalhada de personagens e cenários diversos	Descrição detalhada de personagens e cenários diversos	00:03:33h de interação com a pesquisadora	00:03:05h de interação com a pesquisadora
<b>Marina</b> (06 anos de idade)	41 palavras	70 palavras	Cita alguns personagens sem descrições detalhadas	Cita alguns personagens sem descrições detalhadas	00:02:37h de interação com a pesquisadora	00:01:55h de interação com a pesquisadora
<b>Mônica</b> (06 anos de idade)	726 palavras	710 palavras	Descrição detalhada de personagens e cenários diversos	Descrição detalhada de personagens e cenários diversos	00:08:27h de interação com a pesquisadora	00:06:57h de interação com a pesquisadora
<b>Emília</b> (08 anos de idade)	127 palavras	223 palavras	Descrição detalhada de personagens e cenários diversos	Descrição detalhada de personagens e cenários diversos	00:01:58h de interação com a pesquisadora	00:02:06h de interação com a pesquisadora

Tabela 1

## **Fluência verbal**

A fluência verbal se refere ao quantitativo de palavras utilizadas por cada criança, bem como a velocidade de emissão de palavras e compreensão da história contada por parte do interlocutor. Tais aspectos são capazes de observar a capacidade da criança em emitir suas ideias verbalmente de forma a ser compreendida em sua totalidade por quem a escuta.

Durante a análise de dados, foi possível constatar que 06 participantes da pesquisa aumentaram a quantidade de palavras utilizadas quando comparadas suas participações na primeira coleta de dados com a segunda coleta de dados, aumentando assim exponencialmente sua capacidade de fluência verbal após as participações no projeto “Palavra Mágica”, sendo possível constatar um aumento de vocabulário em cerca de 87,5% da amostra pesquisada.

Três das crianças pesquisadas apresentaram um aumento acima de 50% na quantidade de palavras utilizadas para contar uma história quando comparadas com a sua primeira contação de histórias, os resultados de aumento de vocabulário mostraram as seguintes porcentagens: 75%; 70% e 54%.

Nas demais 03 crianças participantes da pesquisa que apresentaram aumento no vocabulário utilizado para construir suas histórias oralmente, os resultados de aumento de vocabulário mostraram as seguintes porcentagens: 21%; 19% e 13%.

Das crianças pesquisadas, uma delas apresentou diminuição do quantitativo de palavras utilizadas em sua narrativa, apresentando uma diminuição de 2% no quantitativo de palavras utilizadas na construção de sua narrativa.

A média de emissão de palavras por parte das crianças participantes da pesquisa era de cerca de uma palavra por segundo, sendo o tempo contado a partir do momento em que a criança iniciava a contação de sua história.

Das 07 crianças participantes, 06 delas iniciaram, mantiveram e finalizaram suas narrativas com a mesma velocidade de emissão de palavras, poucas pausas durante suas contações de histórias, aparentemente, como forma de organizar mentalmente suas narrativas para então, relatá-las para a pesquisadora em forma de contação. Uma criança apresentou oscilação no tempo de emissão de palavras ao longo de suas narrativas, aumentando e diminuindo o tempo de emissão entre as palavras, em alguns momentos aparentando necessitar de maior tempo para organização mental das palavras e ideias e em outros momentos, realizando a emissão de palavras de forma rápida e com pequenos equívocos de ideias ou gramaticais de palavras, como na narrativa a seguir coletada na primeira entrevista com a criança:

*“Eu sei contar que ela... aquela história da flor. A história dela era assim: Era uma vez a flor tava... a flor tava deita... a flor tava fechada, aí foi, aí a menina, aí era uma vez uma menina passou perto da flor, aí a menina foi e puxou a flor do jardim...” (Bela)*

A criança se utiliza de três pausas em um pequeno trecho de história destacado anteriormente (visível através das reticências utilizadas na transcrição do texto), podendo-se pensar assim em uma possível dificuldade em verbalizar suas ideias e assim construir uma história, denotando uma possível dificuldade em manter a fluência verbal. A mesma criança apresentava equívocos gramaticais, como apresentado no texto acima, onde ao invés de dizer “*fechada*”, disse primeiramente “*deitada*”, corrigindo-se no momento em que ainda emitia a palavra, o que denota em outro momento, dificuldade em manter a fluência verbal.<sup>5</sup>

Tais equívocos ocasionavam em dificuldade de compreender a ideia transmitida pela criança no momento, contudo, não acarretavam na impossibilidade de compreender o enredo e finalização da narrativa. Dessa forma, a capacidade de compreensão não foi afetada negativamente na compreensão da narrativa, não sendo possível classificar tais

episódios como aspectos comprometedores na linguagem dessa participante da pesquisa.

### **Elementos imaginativos**

Os elementos imaginativos avaliados se referem à capacidade da criança em transmitir ao seu interlocutor, através da fala, os aspectos imaginativos que fazem parte da sua história, como descrição de personagens e suas motivações na história e descrição de cenários, ações e eventos que ocorrem ao longo da narrativa, conseguindo assim situar seu ouvinte sobre como são os personagens existentes naquela narrativa, bem como em que cenário cada um deles se encontra, de forma a levar seu ouvinte, através das palavras, ao mesmo local em que a criança se encontra mentalmente vinculada as figuras imaginárias que relata naquele momento.

Cinco crianças participantes (71%) apresentam descrições detalhadas de personagens, ações e/ou motivações em suas narrativas na primeira coleta, como no trecho a seguir:

*“É... quando começa é assim... eu posso contar o que ela tá cantando, assim... é quando ela... brigou com a irmã dela, ela foi e fugiu, aí ela começou a congelar tudo, aí ela começou a cantar, aí quando começou a cantar, cantar, cantar, ela fez o castelo de gelo, é... azul e ficou lá e ficou cantando, cantando, cantando e ela depois encontrou um homem pra ser marido dela, aí ela fez também uma escada assim (colocou os braços em paralelo, visualizando uma escada grande) pra pessoa subir.*

*Ela também fez um boneco de neve com a irmã dela, aí o nariz dele era, era... de nariz, o nariz era de... como é mesmo o nome... de... cenoura (coloca a mão no nariz representando uma cenoura) e mão era... era... as mãos... as mãos era de galho. Aí ela colocou as mãos aqui (colocou as mãos na cintura) pra ficar parecendo um boneco de neve, a cabeça assim (fez uma bola com as mãos), a barriga assim também (fez uma bola com as mãos) e também o pé era de galho, eu acho que era... Não, era de neve.*

*(...)Tinha muita neve também, aí quando foi de noite, ela queria subir numas pedras que iam pra casa da... da Elsa, ela subia mas não conseguia. Aí o amigo dela quando ela foi pular, pegou ela (faz gesto com os braços como se estivesse abraçando alguém) no braço. Foi assim que acabou”. (Magali).*

Duas crianças (28%) apresentam descrições simples sobre algum personagem na primeira coleta e não se ativeram a cenários, motivações ou ações dos personagens ao longo das narrativas, como no trecho a seguir:

*“Tem [a história] da sombrinha... do carnaval. Ela é toda colorida aqui (pega no próprio cabelo). Ela tem boca, olho. Toda, toda... tem uma menina que fica assim... daí ela fica com a sobrinha dela, daquela... daquela colorida. E chove na sombrinha... Fim.” (Marina).*

No segundo momento de coleta de dados, Cinco crianças participantes da pesquisa (71%) apresentam descrições detalhadas de personagens, cenários, ações e/ou motivações em suas narrativas, oferecendo ao seu interlocutor, informações que possam lhe auxiliar a visualizar o que estas estavam imaginando no momento em que narravam suas histórias, como no trecho a seguir:

*“Era uma vez uma menina que se chamava Branca de Neve e Branca de Neve era uma menina mais bela e tinha uma bruxa que o nome dela era ‘Valévola’ e ela queria o coração de Branca de Neve e ela disse: ‘espelho, espelho meu, qual é a menina mais bela do que eu?’ e o espelho disse: ‘Branca de Neve’, e aí a menina ficou furiosa e aí ela mandou um caçador que... pra arrancar o coração de Branca de Neve, então ele disse: ‘Branca de Neve bora ‘espaciar’ (passear)’ e a Branca de Neve passeou, quando Branca de Neve se abaixou, ele ia pegar o coração de Branca de Neve, mas ele... mas ela... mas ele a perdoou, então ele disse: ‘Vá para a floresta, Branca de Neve’ e aí... aí ele disse assim: ‘Nunca mais venha pra cá!’, então ela foi, aí ele arrancou o coração de outro bicho e deu a rainha. A rainha pegou e perguntou: ‘Retire-se!’ e aí ela perguntou: ‘Espelho, espelho meu, quem é mais bela do que eu?’, aí o espelho disse: ‘Branca de Neve não está morta!’. Então ela fez um feitiço, então Branca de Neve foi para a floresta e ela... ela encontrou uma casa pequena, (...) e aí eles estavam trabalhando, os anõezinhos, então eles cantaram uma música: ‘Eu vou, eu vou, eu vou pra casa agora vou, parara timbumparara timbump, eu vou, eu vou, eu vou, eu vou, eu vou pra casa agora vou.’ Então quando eles chegaram na casa deles, então ele disse assim: ‘Quem está aí? (voz de surpresa) e aí ninguém respondeu e Branca de Neve ainda estava lá dormindo, aí Branca de Neve ficou dormindo lá, então os anões foram lá em cima, então um deles, quer dizer, o Dunga, que eu me lembrei agora, o Dunga foi lá primeiro e o Chefe disse: ‘Vai lá, Dunga! A gente está aqui’. Então o Dunga foi, subiu e ele viu alguém se mexendo, ele se assustou e então correu de lá e todos os anões correram e pegaram o seu machado e quase que mataram ela, então ela, então a Branca de Neve foi e acordou e os anões disse: ‘Quem é essa garota tão linda?!’ e ela disse assim: ‘Oi, meu nome é Branca de Neve’. Aí... aí ela disse: ‘Qual é o seu nome?’, aí ela disse assim: ‘Dunga, Chefe e o Zangado’. (...) ela foi e aí... aí ela abriu a porta pra velhinha entrar e então a velhinha disse: ‘Coma essa maçã!’ e ela disse assim: ‘Não quero!’ e aí Branca de Neve comeu e aí ela desmaiou e aí, aí ela saiu da casa dos anões, então os anões chegaram na casa e ela disse: ‘Branca de Neve, acorda! Branca de Neve, acorda!’ e Branca de Neve não acordava e*

*aí o príncipe veio e aí botaram um negócio de vidro pra ela e várias flores e aí o príncipe veio pra cá e aí, aí ele disse: “Quem é essa linda garotinha?” e aí ele disse e aí ele deu um beijo nela e aí Branca de Neve acordou e quando a Branca de Neve acordou ela, ela, ela se casou com ele e fim!” (Mônica).*

Seis crianças participantes da pesquisa (85%) mantiveram a mesma quantidade de elementos imaginativos na primeira e segunda coleta, não sendo observadas alterações significativas antes e após a participação destas no projeto “Palavra Mágica”.

Uma criança participante da pesquisa (14%) apresentou melhora no seu desempenho em relatar elementos imaginativos, adicionando elementos com mais detalhes descritivos no segundo momento de coleta.

Uma criança participante (14%) relata alguns elementos imaginativos em sua narrativa, como quantidade de personagens ou pequenas ações, mas sem outras informações complementares, como no trecho a seguir:

*“É...da menina, a menina com o cavalinho, com o gato e com o cachorrinho dela. Tava andando no cavalinho, passeando.” (Marina)*

Um aspecto observado ao longo da análise das narrativas infantis, se refere à preferência das crianças em contar histórias por elas assistidas ou ouvidas em filmes infantis (principalmente da Disney), em livros de contos de fadas ou desenhos da TV aberta e canais de vídeos na internet. Das 07 crianças participantes da pesquisa, quatro delas (57%) contaram histórias, em uma das coletas ou em ambas, já vistas ou ouvidas em outros locais, demonstrando insegurança em criar personagens e cenários novos ou frustração ao relatar de forma imprecisa (e perceber a imprecisão) algum aspecto da história que estavam contando:

*“Então, ela subiu, então ela viu cada cama separada e ela teve que uma cama que era Atchim, Zangado e o... Chefe e o... qual é o nome daquela mesmo... o... o... Eu não me lembro não! Então eu vou continuar minha história.” (Mônica).*

Nestes achados, é possível observar a dificuldade de algumas crianças em permitirem-se dar vazão a sua imaginação, concentrando-se em características concretas das histórias contadas, bem como não acrescentando aspectos autorais a história contada ou corrigindo-se quando tais aspectos são acrescentados por breves descuidos do infantes no momento da narrativa.

Das 07 crianças participantes da pesquisa, quatro (57%) contaram histórias já existentes em livros, filmes ou desenhos conhecidos na primeira coleta e três crianças participantes (43%) contaram histórias autorais (criaram personagens e eventos não presentes em histórias conhecidas).

Na segunda coleta, quatro crianças (57%) contaram histórias já conhecidas e três crianças (43%) contaram histórias com elementos autorais.

Foi possível constatar que houve uma prevalência de 57% de histórias já conhecidas e contadas pelas crianças e 43% de histórias com elementos autorais contadas pelos participantes da pesquisa. Apenas duas crianças participantes da pesquisa contaram histórias com elementos autorais nos dois momentos de coleta de dados, uma participante passou a contar histórias autorais após a participação no projeto palavra mágica e uma criança contou uma história autoral na primeira coleta e uma já existente na segunda coleta, tendo as demais mantido o mesmo padrão na escolha das histórias contadas.

Foi possível observar que as crianças que contavam histórias com elementos autorais demonstravam maior segurança no momento em que realizavam as narrativas, não apresentando comportamentos denotativos de timidez ou hesitação e utilizando-se de elementos lúdicos como forma de contarem e compreenderem suas próprias dinâmicas sociais e histórico familiar:

*“Berg e o navio pirata. Aí era assim: Na época do meu pai, tinha, era tempo de guerras mundiais, aí houve uma guerra, aí então... aí então ele teve que entrar em guerra, aí*

*então o Brasil ganhou essa guerra e ele pôde ser capitão do primeiro navio que já existiu, aí ele achou um tesouro no fundo do mar que nele continha nele muitos, muitos tesouros de muito tempo atrás, lá dentro havia diamante e algumas pérolas preciosas que vem do fundo do mar, então... com esse dinheiro meu pai pôde construir o IMIP, ele foi o construidor que deu dinheiro para construírem o IMIP... E aí minha mãe quando conheceu meu pai, ela foi a primeira paciente dele no IMIP e fim!” (Emília).*

*“Aí quando chegou a gente tinha que entrar numa ponte de ferro assim (colocou os braços em paralelo, como se quisesse mostrar uma ponte), aí a gente tinha que andar numa coisa direita assim (aponta com os dedos da mão para o chão, no seu lado direito), numa estrada direita aí a gente ia, aí a gente podia ir pra todo o canto, tinha brinquedo lá, tinha balanço e também tinha brinquedo que era vendido pra gente brincar, porque a gente tinha que tá com dinheiro (mostra com as mãos como se estivesse pagando alguém imaginário), mas só que a gente não tem dinheiro, só quem tinha dinheiro era minha amiga que ela mora também... ela estuda aqui. Aí a gente ficava vendo os bichos pelo... a gente viu o leão e ele só ficava olhando pra mim (fala sorrindo).*

*A gente viu uma cobra preta (cara de espanto), a gente viu cobra amarela, a gente viu cobra branca, a gente viu... a gente só não viu os porco, porque quando tava na hora de ir a gente foi, a gente não queria ir mas a gente foi. E a gente foi... a gente foi no coisa.”*

*Ah, e também tem uma história assim, uma história... mas eu não quero contar não (fala sorrindo), porque, porque, foi do moço que ele morreu, aí eu to com muita falta dele (criança fica em silêncio).(Magali).*

Nesses casos, a contação de histórias se mostrou como um elemento que possibilitava e reforçava características de protagonismo nas crianças participantes do projeto, onde através das histórias por ela criadas, podiam falar sobre si mesmas, suas histórias de vida e o modo como percebiam a si mesmas (autoimagem). Essas crianças colocavam-se não somente como telespectadoras de uma história previamente ouvida, mas se percebiam como personagens protagonistas das histórias, bem como autoras e narradas de suas histórias lúdicas, mas também de suas histórias reais que emergiam através da ludicidade.

### **Interação Social**

A categoria de interação social se refere à habilidade da criança em iniciar e/ou manter uma interação com a pesquisadora em questão, seja através de verbalização,



gestos e/ou acenos como forma de demonstrar interesse em estabelecer e prosseguir com a comunicação iniciada.

Durante a análise de dados, foi possível constatar que 02 das 07 crianças participantes da pesquisa (29%) aumentaram seu tempo de interação com a pesquisadora durante as coletas de dados e 05 delas (71%) diminuiram seu tempo de interação com a pesquisadora. Contudo, elementos dispendiosos de tempo como perguntas em relação a pesquisadora, seu tempo na instituição e demais elementos que as crianças sentiam necessidade de perguntar no instante da primeira coleta não se fizeram presentes no momento da segunda coleta, o que pôde ocasionar, em algumas das narrativas colhidas, diminuição no tempo de interação das crianças. Dessa forma, foi possível perceber as crianças participantes mais focadas em contar as histórias e com menos perguntas advindas de curiosidade sobre a realização da coleta de dados.

Das crianças participantes, 07 destas (46%) demonstraram maior interesse em receber feedbacks da pesquisadora como forma de estabelecer uma comunicação durante a contação de histórias na segunda coleta:

*“-Qual história você quer?”*

*-A história que você quiser.*

*-Eu vou contar a história dos três porquinhos...” (Elsa).*

*“-Eu queria saber se você poderia me contar uma história?”*

*-Qual?*

*-A que você quiser. Você que manda.*

*-Você!*

*-Eu o quê?*

*-Escolhe uma história (aponta para a pesquisadora).*

*-Mas é a história que você quiser. A primeira que vier na tua cabeça, que você quiser me contar. Estou aqui apenas para lhe ouvir.” (Marina).*

Além de diminuição no número de pausas entre palavras e frases que compunham as histórias anteriormente contadas; apresentaram maior comunicação verbal ao invés de respostas curtas como “sim ou não” ou gestos e acenos como forma

de comunicação e olhavam mais fixamente para a pesquisadora ao invés de falarem oscilando a direção da cabeça para os lados e para baixo.

Seis das crianças participantes da pesquisa (86%) não apresentaram alterações significativas na qualidade da interação social em comparação com seus próprios desempenhos na primeira história por elas contada.

Uma criança (14%) apresentou melhora na qualidade da interação social, em comparação com o seu próprio desempenho na primeira coleta de dados, demonstrando comportamentos de riso, gestos e acenos durante a contação de histórias, além de olhar mais atentamente para a pesquisadora, buscando possíveis reações que pudessem lhe proporcionar algum feedback.

Nenhuma criança pesquisada apresentou piora na qualidade da interação social avaliada, demonstrando assim que a contação de histórias não foi capaz de alterar negativamente a capacidade de interagir das crianças pesquisadas.

### **Considerações Finais**

No início da vida, o fluxo de pensamento da criança não se dirige pela realidade, mas sim por suas impressões sensoriais, estando dirigido pelo prazer e desejos.<sup>19</sup> Nesta perspectiva, a criança iniciaria seu contato com a realidade através dos sentidos das histórias contadas a ela e experiências sensórias de prazer e desprazer e ao longo do seu contato com o mundo exterior, do concreto e do real, utilizaria a imaginação como mediador de suas experiências internas e externas, assimilando-as e acomodando-as como forma de aprendizagem sobre si, sobre o mundo e posteriormente, como

ferramenta de aprendizagem cognitiva, que será utilizada como ferramenta para o aprendizado de conceitos matemáticos, linguísticos, entre outros.

A imaginação, como função cognitiva superior, dependeria então do estímulo, interação da criança com o meio, bem como experiências por ela vividas de forma segura e integral, por meio dos sentidos e da interação social com seus pares, adultos e o meio ambiente, assim, a complexidade de suas funções imaginativas seriam paulatinamente crescentes, desenvolvendo-se seu poder criador e suas demais funções cognitivas.<sup>20</sup>

O mundo imaginativo da criança tem tanta importância para o seu desenvolvimento cognitivo, social e afetivo quanto o tão valorizado e cultuado “mundo real” que apesar de serem tidos socialmente como excludentes entre si, na verdade, como visto anteriormente, se complementam e tornam possível o desenvolvimento saudável da criança. O imaginário traz consigo algo do mundo real e o modo como o ser lida com o mundo real fala do seu vasto mundo imaginário.

De acordo com Bauman<sup>21</sup>, vivemos na época das relações “líquidas”, relações que se estabelecem e se (des)estabelecem com a mesma rapidez dos acontecimentos modernos, tudo acontece, se estabelece e desaparece de forma rápida e banal, não há tempo para processar os ocorridos da vida, para contemplar o curso das coisas, se estabelece aquilo que “é”, aquilo que se “vê”, sem tempo para compreender e imaginar o que há por trás, como significado, daquilo que está diante de nossos próprios olhos. O imaginário perde seu espaço para o mundo das imagens reais, do que é mostrado e visto, assim, os significados não importam, se perdem pelo caminho.

Deste modo, como seria possível criar e recriar através do imaginário em uma sociedade presa a concretude, ao realismo visceral? É possível imaginar nos tempos atuais?

Tal perspectiva apresentada acima por Bauman<sup>21</sup> pode ser vista refletida entre telespectadores mirins de desenhos e ouvintes de histórias infantis, ao ouvir sobre histórias fantásticas, de príncipes, princesas, palhaços e animais mitológicos, percebe-se que os ouvintes não admitem pequenas trocas de percursos de seus personagens “imaginários”. Os personagens devem ter as características físicas, psicológicas e sociais que alguém imaginou que eles teriam e a partir daquele momento, todos que ouvirem ou recontarem as histórias, devem seguir essas premissas, com o roteiro já pré-estabelecido, caso contrário, serão sumariamente condenadas como as pessoas que “não conhecem a história e por isso não estão aptas a contá-las” como ocorre com algumas crianças dessa pesquisa, que ficam presas a elementos de filmes da Disney.

Imagens fluídas, que se permitem serem construídas ao longo da verbalização, que aparecem como forma de dar vida a história contada, oferecem à criança a possibilidade criativa de colocar-se na história, no mundo e permitirem-se serem afetadas pela narrativa que escutam e contam, gerando um espaço colaborativo e de construção mútua. A narrativa de imagens engessadas, que impedem a livre construção ao longo da história, dificultam que a criança explore sua imaginação, já que existe uma imagem pronta que deve ser seguida e sistematicamente reproduzida, sem espaços para que algo da criança possa emergir e ser contado de forma lúdica, fluída e singular.<sup>21</sup>

Através da imaginação que as histórias ouvidas, contadas e recontadas trazem, as crianças tem a oportunidade de conhecer e inferir sobre o mundo e sobre si mesmas, dessa forma, a contação de histórias pode auxiliar as crianças a falarem sobre si e se expressarem de maneira lúdica. Com as histórias que escolhem contar ou criar para o seu interlocutor, as crianças são capazes de falar sobre características pessoais, seus medos, vivências e assim comunicarem sobre si, porém de maneira indireta.<sup>19</sup>

De acordo com Rocha<sup>22</sup> as histórias são capazes de gerar reinterpretações do contexto de vida na qual as crianças estão inseridas, podendo ser assim atores sociais de suas próprias histórias, produzindo e reproduzindo a cultura de maneira imaginativa.

As histórias infantis criadas e/ou contadas pelas crianças produzem narrativas de histórias e memórias,<sup>22</sup> que geram narrativas de identidade: cada história contém não apenas o que é visto pelo infante de forma passiva, mas também como ele vê a si mesmo e como mostra essa visão de si ao mundo. Dessa forma, cada narrativa criada traz a percepção de mundo, percepção de autoimagem, o modo como a criança sente-se afetada pelo meio social e maneiras imagéticas em que sente que pode alterar ou conviver com a sua própria história e com as histórias que presencia. Assim, as histórias além de carregarem algo de fantástico, carregam e transmitem o modo como a criança percebe-se, sente-se e imagina-se, onde contar uma história é contar sobre si mesma.<sup>22</sup>

Cada história contada por uma criança traz a possibilidade de explorar a sua língua materna, seus significados e significantes articulados a pensamentos concretos ou abstratos, além de falarem sobre as suas histórias de vida e meio social, sendo também as histórias contadas, modos de ressignificação de vivências por parte das crianças. Assim, contar histórias é um modo de experimentar e transformar o mundo, interna e externamente, através da imaginação, ludicidade, linguagem e empoderamento; contar uma história é falar sobre a sua própria história e poder transformá-la.

A utilização das oficinas de contação de histórias foi capaz de proporcionar aos participantes da pesquisa momentos de contato com as palavras, orais e escritas, de maneira a incentivá-las à linguagem através de uma ferramenta lúdica e ao mesmo tempo social, onde contar as histórias significava não apenas entrar em contato com a língua e todas as suas nuances, mas também poder interagir com seus aspectos sociais,

culturais, lúdicos e emocionais, de maneira que a história foi capaz de impulsionar não apenas aspectos cognitivos, mas também aspectos que envolviam a autoimagem e o modo como estas crianças se posicionavam perante os demais. Podendo assim ser uma ferramenta não apenas para incentivar a imaginação e aquisição da linguagem e o seu desenvolvimento, mas também servir de incentivo para o protagonismo e ressignificação de suas próprias histórias de vida.

Diante dos resultados obtidos, pôde-se perceber que as crianças participantes apresentaram dificuldade em desassociar-se do mundo concreto, além disso, exigências do mundo contemporâneo não apoiam o processo contemplativo, o que repercute na dificuldade das crianças em imaginar, conforme visto anteriormente. Neste sentido, projetos que possam incentivar a imaginação das crianças através de atividades específicas, para isso, se utilizando de atividades que envolvam contemplação, podem favorecer o processo de desenvolvimento da imaginação e criatividade das crianças, pois contar histórias vai além do número de palavras utilizadas, ou da percepção do aumento de vocabulário. A história é fundamental para as crianças falarem sobre si e sobre o mundo.

### **Referencias**

- 1, Gaino LV, Souza J, Cirineu CT, Tulimosky TD. O conceito de saúde mental para profissionais de saúde: um estudo transversal e qualitativo. Revista eletrônica saúde mental álcool e drogas. 2018; 14 (2): 108-116.
2. Shaffer DR, Kipp K. Psicologia do desenvolvimento: infância e adolescência. 8. São Paulo: Cengage Learning; 2012.
3. Machemann JG, Munari PFS, Duro C. Literatura infantil: prática da cotação de histórias e aspectos neuropsicológicos. Facos. 2012; 1 (4): 25-26.
4. Morrow LM. Effects of structural guidance in story retelling on children's dictation of original stories. Journal of Reading Behavior. 1986: 18 (2): 135-152.

5. Mousinho R, Schmid E, Pereira J, Lyra L, Mendes L, Nóbrega V. Aquisição e desenvolvimento da linguagem: dificuldades que podem surgir neste percurso. *Psicopedagogia*. 2008; 25 (78): 297-306.
6. Tomaselli AD. A relação entre afetividade e cognição no desenvolvimento infantil. *IPGEX*. 2007; 1 (1): 1-5.
7. Pereira CL. Piaget, Vygotsky e Wallon: Contribuições para os estudos da linguagem. *Psicologia em estudo*. 2012; 2 (17): 277-286.
8. Barbosa CJ, Santos LRS. Contação de histórias para crianças dos anos iniciais. *FACEVV*. 2009; 1 (3): 23-33.
9. Motta AB, Enumo SRF, Rodrigues MMP, Leite L. Contar histórias: uma proposta de avaliação assistida da narrativa infantil. *Interação em psicologia*. 2006; 10 (1): 157-161.
10. Verzolla BLP, Isotani SM, Perissinoto J. Análise da narrativa oral de pré-escolares antes e após estimulação de linguagem. *Jornal da sociedade brasileira de fonoaudiologia*. 2012; 1 (24): 62-68.
11. Cascudo LC. *Contos tradicionais do Brasil*. 20. Rio de Janeiro: Ediouro; 2003.
12. Girardello G. Imaginação: arte e ciência na infância. *Pro-posições*. 2011; 2 (65): 75-90.
13. Houaiss A, Villar MS. *Dicionário Houaiss de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
14. Montoya AOD. Pensamento e linguagem: percurso piagetiano de investigação: *Psicologia em estudo*. 2006; 11 (1): 119-126.
15. Cruz MN. Imaginação, conhecimento e linguagem: uma análise de suas relações numa perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano. *Repositório Unicamp*. 2002; 1 (1): 33-61.
16. Foucault M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes. 2000.
17. Santos IS. A imaginação e o desenvolvimento infantil. *Educação em foco*. 2009; 2 (13): 157-169.
18. Vigotsky LS. *O desenvolvimento psicológico na infância*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.
19. Santos RM. A contação de histórias como instrumento de socialização na educação infantil. *Lume*. 2011; 1 (1): 1-51.
20. Luz JLB. A imaginação e a criatividade na teoria piagetiana do desenvolvimento da inteligência. *Educação e realidade*. 1994; 19 (1): 61-70.

21. Bauman Z. Tempos líquidos. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
22. Rocha JR. O protagonismo da infância campesina: a fotografia em diálogo com as narrativas infantis. Associação brasileira de história oral. 2016; 13 (1): 1-12.



**FACULDADE PERNAMBUCANA DE SAÚDE**  
**PROGRAMA DE POS GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU***  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM PSICOLOGIA DA SAÚDE**

**AMANDA CRISTINA RAMOS DE OLIVEIRA**  
**ANNA BARRETO CAMPELLO CARVALHEIRA CHAVES**

LIVRO INFANTIL PARA ESTUDANTES DO PROJETO PALAVRA MÁGICA,  
PROFESSORES, PAIS E CUIDADORES DE CRIANÇAS EM IDADE ESCOLAR  
COM TEMÁTICA DE INCENTIVO A LEITURA.

## APRESENTAÇÃO

O Produto Educacional, apresentado, é integrante da Dissertação de Mestrado Intitulada “**Contação de histórias como ferramenta para o desenvolvimento de habilidades linguísticas de crianças**”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Strictu Senso* Mestrado Profissional em Psicologia da Saúde, da Faculdade Pernambucana de Saúde – FPS.

A proposta do livro infantil tem sua relevância devido à facilidade de compreensão e veiculação entre estudantes do projeto “Palavra Mágica, professores, pais, cuidadores e crianças alfabetizadas, levando informações de forma simples e lúdica sobre a importância do incentivo a contação de histórias para crianças. Os benefícios e a disseminação do material, via entrega física no modelo de livro de histórias, bem como em material digital, podendo dessa forma ser veiculado através de mídias sociais, gratuitamente, tornarão o fortalecimento do entendimento sobre a importância de estimular o hábito de contar histórias para crianças como forma de estimular seu desenvolvimento linguístico, social, imaginativo e interacional. Dessa forma, ressalta-se que a discussão e conscientização sobre a importância de incentivar as crianças à utilização de contação de histórias como forma de se expressarem tanto linguisticamente quanto emocional e socialmente é fundamental no intuito de gerar aprendizado mais lúdico e significativo às crianças, incentivando-as ao prazer de imaginar, socializar, falar e compreender o mundo ao seu redor.

Dessa forma, espera-se, com esse livro infantil, proporcionar um espaço de reflexão acerca da importância da contação de histórias como uma ferramenta impulsionadora para o desenvolvimento cognitivo as crianças, principalmente aquelas

que estão em período de pré e alfabetização, de maneira a incentivá-las na aquisição lúdica e saudável da língua, mas também de suas demais funções cognitivas, gerando em seus cuidadores, professores e estudantes que delas se ocupam, a necessidade de incentivá-las e compreendê-las por esse caminho de construções de aprendizagem de maneira significativa.

O livro foi criado pelas autoras, sendo o roteiro e todas as ilustrações de responsabilidade destas e vinculadas aos resultados desta pesquisa.

**PRODUTO EDUCACIONAL:** *Livro Infantil – “Júlia e os contos fantásticos: uma aventura pelas palavras”.*

## *Júlia e os contos fantásticos*

*Uma aventura pelas palavras*



*Autora: Amanda Cristina Ramos de Oliveira*

*Ilustradora: Anna Barreto Campello Carvalheira Chaves*

## ***Autora:***

***Amanda Cristina Ramos de Oliveira***

***Psicóloga Clínica Infantil  
Especialista em Psicologia da Família  
Especialista em Neuropsicologia***

## ***Ilustradora:***

***Anna Barreto Campello Carvalheira Chaves***

***Mestre em Psicologia Clínica  
Doutora em Psicologia Clínica  
Docente da Faculdade Pernambucana de Saúde***



Era uma vez uma menina chamada Júlia...

Júlia adorava todos os tipos de histórias... Fossem elas dos livros, internet ou Tv.

O que Júlia gostava mesmo era de conhecer outras pessoas, lugares, brincadeiras e animais; e isso sempre tinha de novidade nas histórias que Júlia gostava de escutar.

Mas um dia, todas as histórias pareciam iguais:  
Todos os personagens tinham a mesma roupa,  
faziam a mesma cara, moravam na mesma casa,  
tinham os mesmos amigos e enfrentavam o mesmo dragão...  
Tudo aquilo era tãããooo igual...







E depois de tantos dias iguais, vivendo na casa igual, com os brinquedos iguais e na escola igual, Júlia encontrou algo diferente...



Ao visitar sua avó, Adélia, Júlia encontrou na estante um livro grande, de capa colorida e de tanto tempo parado lá, o coitado estava que era só poeira...

Júlia abriu o livro e logo na primeira página, deu de cara com uma imagem bem bonita e colorida.

Júlia nunca tinha visto algo assim...

E por cada página que Júlia passava,  
coisas novas apareciam para ela...



Novos personagens, novos animais, novos castelos, novos lugares...  
e Júlia não conseguia parar de passar por aquelas páginas,  
Mas apesar desse mundo novo tão legal, tinha uma coisa que incomodava  
muito a Júlia...

Júlia só conseguia ver as imagens do livro, pois não sabia ler.  
Ansiosa para descobrir os nomes de todos, que lugares eram aqueles e o que  
eles estavam pensando, Júlia correu a procura de alguém que pudesse lhe  
contar o que acontecia naquela história.

Júlia foi até a sua avó, mas esta estava ocupada cuidando do almoço, então Júlia teve que procurar outra pessoa.

Os pais de Júlia estavam trabalhando, por isso, Júlia não conseguiu a ajuda deles naquele momento.

Após almoçar, Júlia se arrumou rapidinho, colocou o livro na mochila e correu para a escola. Lá com certeza alguém poderia lhe ajudar.

Na escola, Júlia procurou sua professora, mas esta estava preparando a sala para a aula e não pôde lhe ajudar.

Júlia correu para encontrar suas amigas, Alice e Luíza, quem sabe elas pudessem ajudar.

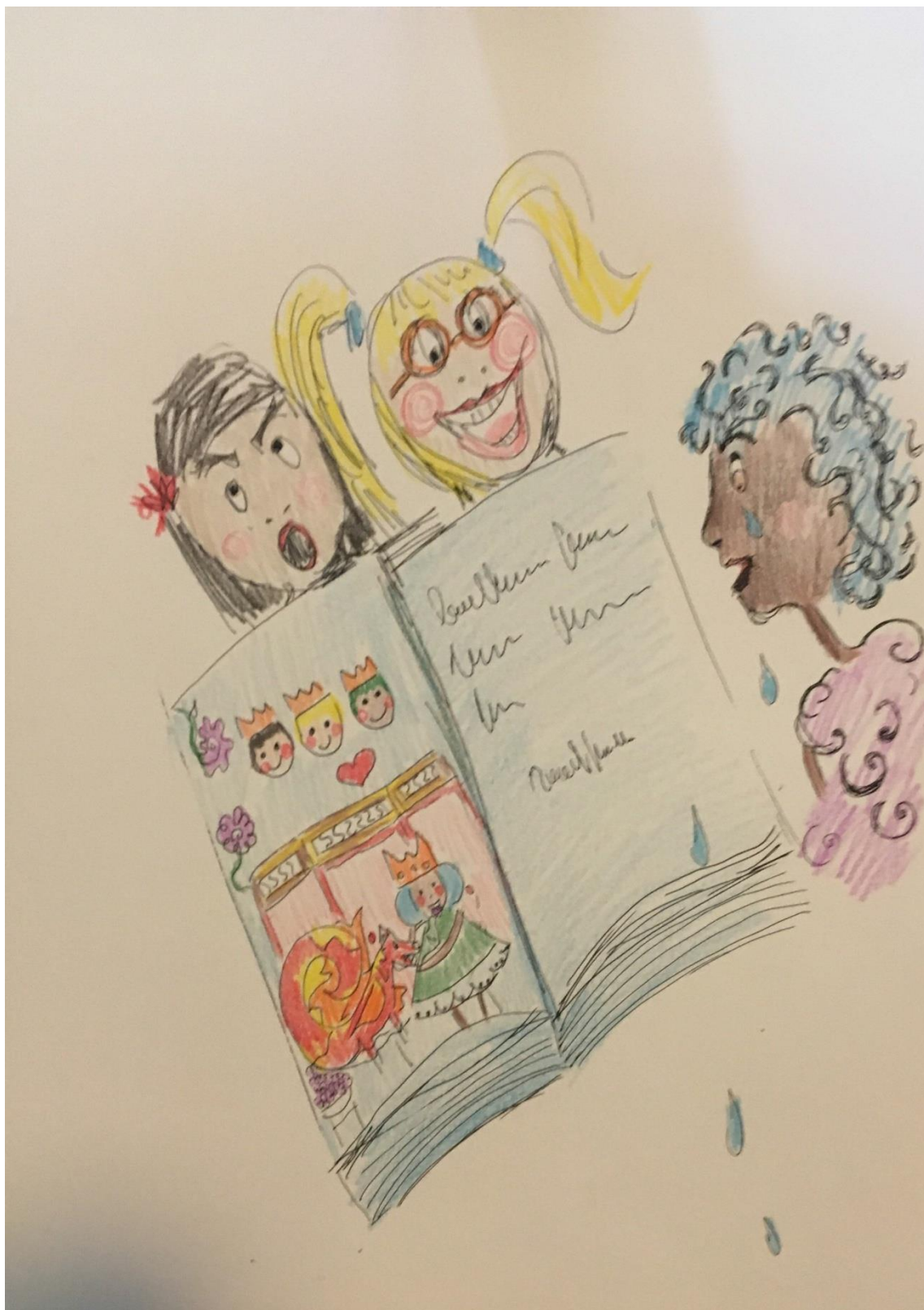




Alice e Luíza se espantaram por Júlia não saber ler aquele livro. Júlia então envergonhada, abriu o livro e começou a nomear cada personagem que encontrava pela frente e imaginava, através das figuras, o que poderia estar acontecendo com cada um. Enquanto se divertia imaginando o que aconteceria em cada página, Júlia foi surpreendida por suas amigas:

- Júlia, o quê você tá fazendo com esse livro já que você não sabe ler? Perguntou Alice.
  - Tô vendo o que acontece na história. Respondeu Júlia.
  - Mas como? Você não sabe ler! Disse Luíza.
  - Tô fazendo minha própria história! Respondeu Júlia.
  - E como é essa história? Perguntou Luíza.
  - Era uma vez uma princesa que tinha um dragão de estimação...
  - Não! Não é assim! Disse Alice.
  - Ué, por que não?! Perguntou Júlia.
  - Porque princesas não têm dragões de estimação! Disse Alice.
  - Quem disse?! Perguntou Júlia.
  - No filme não é assim! E na história que a minha mãe me contou também não! Disse Alice.
  - É verdade! Meu pai me levou no cinema e lá também não era assim não! Disse Luíza.
  - Mas na minha história é assim. Disse Júlia.
  - Mas não pode! Essa história tá errada! Disse Alice.
  - É verdade! Você não sabe ler! Tem que chamar alguém pra ler pra você e aí você vai escutar a história certa. Disse Luíza.
  - Ué, se a história é minha, eu posso contar do jeito que eu quiser! Vocês nunca fizeram uma história pra vocês? Perguntou Júlia.
- Alice e Luíza se olharam sem entender muita coisa e sem saber o que responder. Afinal, como dá pra fazer uma história só pra você? Sem saber ler?





Alice e Luíza se sentaram perto de Júlia e escutaram toda a história da amiga: Da princesa que tinha um dragão de estimação, morava numa casa mágica sem teto e sem paredes, tinha cabelos azuis, adorava comer flores roxas no jantar e salvava todos os príncipes que apareciam na história. Alice e Luíza nunca tinham ouvido uma história assim e acharam aqueles os personagens mais legais de quem já tinham ouvido falar na vida!

Logo, outros alunos da escola viram Júlia contando histórias fantásticas e resolveram se juntar a ela, escutando cada palavra que Júlia “lia” em seu livro. Com o tempo, cada um foi acrescentando mais detalhes a história, ajudando Júlia com os detalhes do que acontecia em cada página.

Ao procurar os alunos para começar a aula, a professora os encontrou todos rindo e falando sem parar, construindo uma história única e diferente. Assim, a professora resolveu chamar todos para a sala de aula e fez uma grande contação de histórias: cada grupinho de alunos pegava um livro e “lia” a história que ali estava.

Cada criança imaginou um mundo mais diferente do que o outro. Todos riam, conversavam e se orgulhavam por inventar histórias tão diferentes e legais.

A cada dia que passava, a professora percebia que as crianças queriam levar livros diferentes pra casa, contavam para as suas famílias as histórias dos livros, ficando até mais tempo na biblioteca da escola.





Júlia que tinha muita vergonha de não saber ler e por isso mal pegava em um livro, passou a "devorá-los" toda a semana e assim, começou a decifrar não apenas as figuras de cada livro, mas o que cada letrinha que ali estava queria dizer.

Júlia passou a ler a história do jeitinho que o autor do livro escreveu, mas agora, de tanto imaginar histórias incríveis na cabeça, passou a imaginar as cenas das palavrinhas que lia.

Júlia não havia se tornado uma mera devoradora de palavras, agora ela também era uma criadora de histórias fantásticas.

Júlia agora lia, mas também relia, recriava e recontava...

Júlia agora também criava histórias.



## VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar em saúde e em seus desdobramentos também perpassa pelas experiências do sujeito com o mundo que o cerca e de suas habilidades, necessárias, adquiridas e desenvolvidas como meio de apreender, lidar, interagir e construir esse mundo na qual o sujeito está inserido. Dessa maneira, compreender essas habilidades e proporcionar ferramentas que auxiliem no desenvolvimento destas também são cuidados em saúde e oferecem aos sujeitos ferramentas de cuidado de si e da sua comunidade.

O presente estudo pôde contribuir no sentido de compreender como ações ditas simples, como a contação de histórias infantis, realizada de maneira constante, podem contribuir com o desenvolvimento de habilidades para além da linguagem, mas também com aspectos sociais, lúdicos, imaginativos e de incentivo ao protagonismo.

Levar essas informações à comunidade através de pais, cuidadores, professores e estudantes de maneira simples e ao mesmo tempo lúdica através do produto educacional proposto, possibilita mudanças concretas e que podem proporcionar à sociedade meios de melhoria no desenvolvimento de seus pequenos cidadãos, tornando-os não apenas meros espectadores das histórias alheias, mas com melhores oportunidades de serem protagonistas de suas próprias histórias.

Percebeu-se a necessidade de mais pesquisas sobre a imaginação, seu desenvolvimento e possibilidades de incentivar e potencializar essa habilidade cognitiva tão necessária e importante para os seres humanos, individual e coletivamente, sendo relevantes estudos posteriores sobre essa temática.

## APÊNDICES

### APÊNDICE I. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

#### Dados de identificação

**Título do Projeto:** Utilização da contação de histórias como ferramenta para o desenvolvimento de habilidades linguísticas de crianças em idade pré-escolar.

**Pesquisador Responsável:** Amanda Cristina Ramos de Oliveira

**Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável:** Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS)

**Telefone para contato:** (81) 99887-5526

**Nome do voluntário:** \_\_\_\_\_

**Idade:** \_\_\_\_\_ anos                      **Sexo:** \_\_\_\_\_

**Responsável legal:** \_\_\_\_\_

**R.G. Responsável legal:** \_\_\_\_\_

O Sr. (a) está sendo convidado(a) a permitir que o infante sob sua responsabilidade participe do projeto de pesquisa “Utilização da contação de histórias como ferramenta para o desenvolvimento de habilidades linguísticas de crianças em idade pré-escolar”, de responsabilidade da pesquisadora Amanda Cristina Ramos de Oliveira.

Esta pesquisa tem como objetivo compreender se a utilização de contação de histórias infantis pode facilitar o desenvolvimento de habilidades linguísticas em crianças com idade pré-escolar, analisando como o processo de aquisição da linguagem ocorre em crianças com idade entre 04 e 06 anos de idade.

Os participantes da pesquisa serão convidados a contar uma história, de forma livre e individual, com o objetivo de verificar número de palavras utilizadas pelo participante e sua fluência verbal. Este processo ocorrerá no primeiro dia da pesquisa



junto a criança e no último dia, como forma de comparar se houve alguma mudança na capacidade linguística da criança após participar do projeto “Palavra Mágica”.

Todo o processo da pesquisa será filmado e haverá coleta de dados através da observação e transcrição das sessões de contação de histórias por parte da pesquisadora. Tais arquivos serão guardados sob a responsabilidade da pesquisadora e não serão utilizados para fins lucrativos ou promocionais, sendo tais dados apenas utilizados para fins acadêmicos.

As filmagens obtidas com essa pesquisa serão guardadas em um banco de dados criado e mantido pela pesquisadora por um período de cinco anos, após este prazo, tais arquivos serão descartados permanentemente.

É possível que criança sinta-se desconfortável em ser filmada ou convidada para contar uma história por conta própria, nessa situação, a mesma poderá ausentar-se da pesquisa sem nenhum prejuízo para si, estando à pesquisadora disponível para realizar escuta da criança caso esta sinta necessidade.

A presente pesquisa tem como benefício aos participantes a possibilidade de incentivar a leitura infantil entre os mesmos, bem como proporcionar momentos de lazer, ludicidade e interação social entre seus pares.

A participação é voluntária e este consentimento poderá ser retirado a qualquer tempo, sem prejuízos à continuidade da criança no projeto “Palavra Mágica”.

A pesquisadora garante a confidencialidade das informações geradas e a privacidade do sujeito da pesquisa.

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre esta pesquisa, entre em Contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) em Seres Humanos do IMIP, que objetiva defender os interesses dos participantes, respeitando os seus direitos, e contribuir para o

desenvolvimento da pesquisa, desde que atenda às condutas éticas. O CEP-IMIP está localizado à Rua dos Coelho, 300, Boa Vista. Diretoria de Pesquisa do IMIP. Prédio Administrativo Orlando Onofre, 1º. Andar. Telefone 2122-4756. E-mail: comitedeetica@imip.org.br . O CEP-IMIP funciona de segunda a sexta-feira no horário de 7h às 11h30min (manhã) e 13h30min às 16h (tarde).

Eu, \_\_\_\_\_,  
 RG nº \_\_\_\_\_, responsável legal por \_\_\_\_\_,  
 declaro ter sido informado (a) e concordo com a sua participação, como voluntário, no projeto de pesquisa acima descrito.

Recife, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
 Nome e assinatura do paciente ou seu responsável legal  
 responsável por obter o consentimento

\_\_\_\_\_  
 Nome e assinatura do

\_\_\_\_\_  
 Testemunha

\_\_\_\_\_  
 Testemunha

**APÊNDICE II****QUESTIONÁRIO SOBRE INSERÇÃO NO CAMPO DA  
LINGUAGEM NA CRIANÇA****I. IDENTIFICAÇÃO**

Nome \_\_\_\_\_

Data de nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Sexo: \_\_\_\_\_ Cor (declarada por responsável): \_\_\_\_\_

Renda média familiar: \_\_\_\_\_

Instituição de ensino: \_\_\_\_\_

Instituição pública ou privada? \_\_\_\_\_

Série: \_\_\_\_\_ Reprovou algum ano letivo: \_\_\_\_\_

(Se sim, qual?) \_\_\_\_\_

Possui irmãos? Se sim, quantos? \_\_\_\_\_

Criança já lê sozinha ou com auxílio? \_\_\_\_\_

Criança tem acesso a livros infantis? \_\_\_\_\_

Alguém lê para a criança em residência? \_\_\_\_\_

Responsável percebe alguma dificuldade de aprendizagem na  
criança? \_\_\_\_\_Responsável percebe alguma dificuldade de interação social na  
criança? \_\_\_\_\_



## APÊNDICE III

### NORMAS DE SUBMISSÃO À REVISTA INTERFACE

#### SEÇÕES DA REVISTA

**Editorial** – texto temático de responsabilidade dos editores ou de pesquisadores convidados (até duas mil palavras).

**Dossiê** – conjunto de textos ensaísticos ou analíticos temáticos, a convite dos editores, resultantes de estudos e pesquisas originais de interesse para a revista (até seis mil palavras).

**Artigos** – textos analíticos resultantes de pesquisas originais teóricas ou empíricas referentes a temas de interesse para a revista (até seis mil palavras).

**Revisão** – textos de revisão da literatura sobre temas consagrados pertinentes ao escopo da revista (até seis mil palavras).

**Debates** – conjunto de textos sobre temas atuais e/ou polêmicos propostos pelos editores ou por colaboradores e debatidos por especialistas, que expõem seus pontos de vista (Texto de abertura: até seis mil palavras; textos dos debatedores: até mil e quinhentas palavras; réplica: até mil e quinhentas palavras).

**Espaço Aberto** – textos embasados teoricamente que descrevam e analisem criticamente experiências relevantes para o escopo da revista (até cinco mil palavras).

**Entrevistas** – depoimentos de pessoas cujas histórias de vida ou realizações profissionais sejam relevantes para as áreas de abrangência da revista (até seis mil palavras).

**Resenhas** – textos de análise crítica de publicações lançadas no Brasil ou exterior nos últimos dois anos, expondo novos conhecimentos além do simples resumo da publicação, sob a forma de livros, filmes ou outras produções recentes e relevantes para os temas do escopo da revista (até três mil palavras).

**Criação** – textos de reflexão sobre temas de interesse para a revista, em interface com os campos das Artes e da Cultura, que utilizem em sua apresentação formal recursos iconográficos, poéticos, literários, musicais, audiovisuais etc., de forma a fortalecer e dar consistência à discussão proposta.

**Notas breves** – notas sobre eventos, acontecimentos, projetos inovadores e obituários com análise da obra e contribuição científica do homenageado (até duas mil palavras).

**Cartas ao Editor** – comentários sobre publicações da revista e notas ou opiniões sobre assuntos de interesse dos leitores (até mil palavras).

#### Nota

– Na contagem de palavras do texto incluem-se referências, quadros e tabelas e excluem-se título, resumo e palavras-chave.

---

## FORMA E PREPARAÇÃO DE MANUSCRITOS

### Formato e Estrutura

**1** Os originais devem ser digitados em Word ou RTF, fonte Arial 12, respeitando o número máximo de palavras definido por seção da revista.

Todos os originais submetidos à publicação, **sem exceção**, devem ter autoria com a afiliação completa (Instituição, cidade, estado e país) e ID do ORCID, título próprio diferente do título da seção, nos três idiomas da revista (português, inglês e espanhol), citações e referências bibliográficas. Devem conter, também, resumo e palavras-chave alusivas à temática, nos três idiomas, com exceção das seções Resenhas, Notas breves e Cartas ao Editor.

### Notas

. O texto inicial da seção Debates deve dispor de título, resumo e palavras-chave alusivas à temática, nos três idiomas da revista (português, inglês e espanhol). Os demais textos do Debate devem apresentar apenas título nos três idiomas e tema do Debate.

. As entrevistas devem dispor de título e palavras-chave nos três idiomas.

. As resenhas devem apresentar, na primeira página do texto, título alusivo ao tema da obra resenhada, elaborada pelo autor da resenha. O título da obra resenhada, em seu idioma original, também deve estar indicado na primeira página do texto, abaixo da imagem da obra resenhada.

**2** As seguintes precauções devem ser tomadas pelos autores ao submeter seu manuscrito:

- Excluir do texto todas as informações que identificam a autoria do trabalho, em referências, notas de rodapé e citações, substituindo-as pela expressão **NN [eliminada para efeitos da revisão por pares]**. Os dados dos autores são informados **apenas** em campo específico do formulário de submissão.
- Em documentos do *Microsoft Office*, remover a identificação do autor das Propriedades do Documento (no menu Arquivo > Propriedades), iniciando em Arquivo, no menu principal, e clicando na sequência: Arquivo > Salvar como... > Ferramentas (ou Opções no Mac) > Opções de segurança... > Remover informações pessoais do arquivo ao salvar > OK > Salvar.
- Em PDFs, também remover o nome dos autores das Propriedades do Documento, em Arquivo, no menu principal do *Adobe Acrobat*.
- Informações sobre instituições que apoiaram a realização da pesquisa e/ou pessoas que colaboraram com o estudo mas não preenchem os critérios de autoria também são incluídas em campo específico do formulário de submissão.

### Nota

. Caso o manuscrito seja aprovado para publicação, **todas as informações que foram omitidas devem ser incluídas novamente pelos próprios autores do texto**.

**3** O número máximo de autores do manuscrito está limitado a **cinco**. A partir desse número é preciso apresentar uma justificativa, que será analisada pelo Editor. A **autoria** implica assumir publicamente a responsabilidade pelo conteúdo do trabalho submetido à publicação e deve estar baseada na contribuição efetiva dos autores no que se refere a: **a)** concepção e delineamento do trabalho **ou** participação da discussão dos resultados; **b)** redação do manuscrito **ou** revisão crítica do seu conteúdo; **c)** aprovação da versão final do manuscrito. Todas as três condições precisam ser atendidas e podem ser indicadas por meio da seguinte afirmação: **Todos**

**os autores participaram ativamente de todas as etapas de elaboração do manuscrito.**

#### **Nota**

. O número máximo de manuscritos de um mesmo autor, nos Suplementos, está limitado a **três**.

**4** A página inicial do manuscrito (**Documento principal**) deve conter as seguintes informações (em português, espanhol e inglês): título, resumo e palavras-chave. Na contagem de palavras do resumo, excluem-se título e palavras-chave. **Observe as exceções indicadas no item 1, em relação a essas informações.**

4.1 Título: deve ser conciso e informativo (até vinte palavras).

#### **Notas**

. Se no título houver sigla, o seu significado por extenso deve estar incluído nas vinte palavras.

. Se no título houver nome de cidade, deve-se complementar com estado e país, tudo incluído nas vinte palavras.

4.2 Resumo: deve destacar os aspectos fundamentais do trabalho, podendo incluir o objetivo principal, o enfoque teórico, os procedimentos metodológicos e resultados mais relevantes e as conclusões principais (até 140 palavras). Deve-se evitar a estrutura do resumo em tópicos (Objetivos, Metodologia, Resultados, Conclusões).

#### **Notas**

. Se no resumo houver sigla, o seu significado por extenso deve estar incluído nas 140 palavras.

. Se no resumo houver nome de cidade, deve-se complementar com estado e país, tudo incluído nas 140 palavras.

4.3 Palavras-chave: devem refletir a temática abordada (de três a cinco palavras).

**5** Notas de rodapé são identificadas por letras pequenas sobrescritas, entre parênteses.

Devem ser sequenciais às letras utilizadas na autoria do manuscrito. **E devem ser sucintas, usadas somente quando necessário.**

**6** Manuscritos referentes a pesquisa com seres humanos devem incluir informação sobre aprovação por Comitê de Ética da área, conforme a Resolução nº 466/2013, do Conselho Nacional de Saúde, ou a Resolução nº 510/2016, que trata das especificidades éticas das pesquisas nas Ciências Humanas e Sociais. Deve-se informar **apenas** o número do processo, apresentando-o no corpo do texto, no final da seção sobre a metodologia do trabalho. **Esse número deve ser mantido na versão final do manuscrito, se for aprovado para publicação.**

**7** Manuscritos com ilustrações devem incluir seus respectivos créditos ou legendas e, **em caso de imagens de pessoas, deve-se incluir também a autorização para o uso dessas imagens pela revista.**

**8** Imagens, figuras ou desenhos devem estar em formato tiff ou jpeg, com resolução mínima de 300 dpi, tamanho 16 x 20 cm, com legenda e fonte Arial 9. Tabelas e gráficos torre podem ser produzidos em *Word* ou *Excel*. Outros tipos de gráficos (pizza, evolução...) devem ser produzidos em programa de imagem (*Photoshop* ou *Corel Draw*). Todas as ilustrações devem estar em arquivos separados do texto original (Documento principal), **com seus respectivos créditos ou legendas e numeração**. No texto deve haver indicação do local de inserção de cada uma delas.

**Nota**

. No caso de textos submetidos para a seção de Criação, as imagens devem ser escaneadas em resolução mínima de 300 dpi e enviadas em jpeg ou tiff, tamanho mínimo de 9 x 12 cm e máximo de 18 x 21 cm.

**9** Interface adota as normas Vancouver como estilo para as citações e referências de seus manuscritos. Detalhes sobre essas normas e outras observações referentes ao formato dos manuscritos encontram-se no final destas Instruções.

**SUBMISSÃO DE MANUSCRITOS**

**1** O processo de submissão é feito apenas *on-line*, no sistema *ScholarOne Manuscripts*. Para submeter originais é necessário estar cadastrado no sistema. Para isso é preciso acessar o link <http://mc04.manuscriptcentral.com/icse-scielo> e seguir as instruções da tela. Uma vez cadastrado e logado, basta clicar em “**Autor**” e iniciar o processo de submissão.

**Nota**

. No cadastro de todos os autores, é necessário que as palavras-chave referentes às suas áreas de atuação estejam preenchidas. Para editar o cadastro é necessário que cada autor realize *login* no sistema com seu nome de usuário e senha, entre no Menu, no item “**Editar Conta**”, localizado no canto superior direito da tela e insira as áreas de atuação no passo 3. As áreas de atuação estão descritas no sistema como **Áreas de expertise**.

**2** Interface – Comunicação, Saúde, Educação aceita colaborações em português, espanhol e inglês para todas as seções. Apenas trabalhos inéditos e originais, submetidos somente a este periódico, serão encaminhados para avaliação. Os autores devem declarar essas condições em campo específico do formulário de submissão. Caso seja identificada a publicação ou submissão simultânea a outro periódico, o manuscrito será desconsiderado. A submissão deve ser acompanhada de uma autorização para publicação assinada por todos os autores do manuscrito. O modelo do documento está disponível para *upload* no sistema.

**3** Os dados dos autores, informados em campo específico do formulário de submissão, incluem:

– Autor principal: **vínculo institucional** (apenas um, completo e por extenso), na seguinte ordem: Departamento, Unidade, Universidade. Endereço institucional completo para correspondência (logradouro, número, bairro, cidade, estado, país e CEP). Telefones (fixo e celular) e apenas **um e-mail** (preferencialmente institucional). ID do ORCID.

– Coautores: **vínculo institucional** (apenas um, completo e por extenso), na seguinte ordem: Departamento, Unidade, Universidade, cidade, estado, país. E-mail institucional. ID do ORCID.

**Notas**

. Os dados de **todos os autores** devem incluir, **obrigatoriamente**, o **ID do ORCID** (os links para criação ou associação do ID do ORCID existente encontram-se disponíveis no sistema *ScholarOne*, na Etapa 3 da submissão). No ORCID devem constar **pelo menos** a instituição a que o autor pertence e a sua função.

. Não havendo vínculo institucional, informar a formação profissional.

. Em caso do autor ser aluno de graduação ou de pós-graduação, deve-se informar:

**Graduando do curso de ...Pós-graduando do curso...**, indicando, entre parênteses, se é Mestrado, Doutorado ou Pós-Doutorado.

. Titulação, cargo e função dos autores **não devem ser informados**.

. Sempre que o autor usar nome composto em referências e citações, esse dado também deve ser informado.

**Exemplo:** autor Fabio Porto Foresti; em referências e citações indica-se **Porto-Foresti, Fabio**.

**4** Em caso de texto que inclua ilustrações, essas são inseridas com seus respectivos créditos ou legendas como documentos suplementares ao texto principal (**Documento principal**), em campo específico do formulário de submissão.

### Nota

. Em caso de imagens de pessoas, os autores devem providenciar uma autorização para uso dessas imagens pela revista, que também será inserida como documento suplementar ao texto principal (**Documento principal**), em campo específico do formulário de submissão.

**5** O título (até vinte palavras), o resumo (até 140 palavras) e as palavras-chave (de três a cinco), **na língua original do manuscrito** e as ilustrações são inseridos em campo específico do formulário de submissão.

**6** Ao fazer a submissão, em **Página de Rosto**, o autor deverá redigir uma carta explicitando se o texto é inédito e original, se é resultado de dissertação de mestrado ou tese de doutorado, se há conflitos de interesse (qualquer compromisso por parte dos autores com as fontes de financiamento ou qualquer tipo de vínculo ou rivalidade que possa ser entendido como **conflito de interesses** deve ser explicitado) e, em caso de pesquisa com seres humanos, se foi aprovada por Comitê de Ética da área, indicando o número do processo e a instituição. Caso o manuscrito **não envolva** pesquisa com seres humanos, também é preciso declarar isso em **Página de Rosto**, justificando a não aprovação por Comitê de Ética.

Da mesma forma, se entre os autores há alunos de graduação, é preciso declarar isso neste campo do formulário.

Informações sobre instituições que apoiaram a realização da pesquisa e/ou pessoas que colaboraram com o estudo, mas não preenchem os critérios de autoria, também são incluídas neste campo do formulário.

Em texto com dois autores ou mais devem ser especificadas, em **Página de Rosto**, as responsabilidades individuais de cada um na preparação do manuscrito, incluindo os seguintes critérios de autoria: **a)** concepção e delineamento do trabalho **ou** participação da discussão dos resultados; **b)** redação do manuscrito **ou** revisão crítica do conteúdo; **c)** aprovação da versão final do manuscrito. **Todas as três condições precisam ser atendidas e podem ser indicadas por meio da seguinte afirmação: Todos os autores participaram ativamente de todas as etapas de elaboração do manuscrito.**

**7** No caso de submissão de **Resenha**, em **Página de Rosto** o autor deve incluir todas as informações sobre a obra resenhada, no padrão das referências usadas em Interface (Vancouver), a saber:

Autor (es). Cidade: Editora, ano. Resenha de: Autor (es). Título do trabalho. Periódico. Ano; v(n): página inicial e final. Deve incluir, ainda, a imagem da capa da obra

resenhada, como documento complementar ao texto principal (**Documento principal**), em campo específico do formulário de submissão.

**Exemplo:**

Borges KCS, Estevão A, Bagrichevsky M. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010. Resenha de: Castiel LD, Guilam MC, Ferreira MS. Correndo o risco: uma introdução aos riscos em saúde. *Interface (Botucatu)*. 2012; 16(43):1119-21.

**8** No item **Contribuição à Literatura** o autor deverá responder à seguinte pergunta: O que seu texto acrescenta em relação ao já publicado na literatura nacional e internacional?

**Nota**

. Nesta breve descrição é necessário inserir a especificidade dos resultados de pesquisa, da revisão ou da experiência no cenário da literatura nacional e internacional acerca do assunto, ressaltando o caráter inédito do trabalho e o seu diálogo com a literatura internacional; manuscritos que focalizem questões de interesse apenas local e apresentem abordagens essencialmente descritivas do problema não são prioridade da revista e devem ser evitados.

**9** O autor pode indicar um avaliador (do país ou exterior) que possa atuar no julgamento de seu trabalho, **desde que não pertença à mesma instituição do (s) autor (es) do manuscrito**. Se houver necessidade, também deve informar sobre pesquisadores com os quais possa haver conflitos de interesse com seu artigo.

## **AVALIAÇÃO DE MANUSCRITOS E PUBLICAÇÃO DOS ORIGINAIS APROVADOS**

Interface adota a política editorial estrita de **avaliação de mérito científico por pares, realizada em duas etapas: pré-avaliação e revisão por pares**.

**Pré-avaliação:** todo manuscrito submetido à Interface passa por uma triagem inicial para verificar se está dentro da área de abrangência da revista, se atende às normas editoriais e para identificar pendências na submissão e documentação, incluindo identificação de plágio e auto-plágio, só confirmando a submissão se cumprir todas as normas da revista e quando todos os documentos solicitados estiverem inseridos no sistema. A análise da triagem inicial é concluída pelos editores e editores associados e só seguem para a revisão por pares os textos que:

- atendam aos requisitos mínimos de um artigo científico e ao escopo da revista;
- dialoguem com a literatura internacional em torno do tema do artigo;
- apresentem relevância e originalidade temática e de resultados e adequação da abordagem teórico-metodológica.

**Revisão por pares:** o texto cuja submissão for confirmada segue para revisão *por pares* (duplo-cego), no mínimo por dois avaliadores, que seguem critérios de originalidade e relevância temática, rigor científico e consistência teórica e metodológica. Os avaliadores são selecionados entre membros do Conselho Editorial ou pareceristas *ad hoc*, pesquisadores da área do escopo do trabalho de diferentes regiões e instituições de ensino e/ou pesquisa.

O material será devolvido ao autor caso os revisores sugiram **pequenas mudanças e/ou correções**. Neste caso, caberá uma nova rodada de avaliação do manuscrito revisto.

### Notas

. Em caso de divergência de pareceres, o texto é encaminhado a um novo relator, para arbitragem.

. A decisão final sobre o mérito científico do trabalho é de responsabilidade do Corpo Editorial (editores e editores associados).

**Edição de artigo aprovado:** uma vez aprovado, os autores recebem uma correspondência com orientações específicas sobre o envio da versão final do texto, para dar início ao processo de edição para publicação e marcação dos originais. Essas orientações incluem:

– atualização dos dados completos do (s) autor (es), confirmando o vínculo institucional ou a formação profissional, **e o ID do ORCID**, como já indicado **no item 3 de SUBMISSÃO DE MANUSCRITOS**;

– revisão final do texto, incluindo título, palavras-chave, citações e referências, e dos resumos (português, inglês e espanhol), por profissionais especializados indicando, com outra cor de fonte, as correções efetuadas nesta última versão;

– em caso de artigo com dois ou mais autores, inserção, nesta versão final do texto, **antes das Referências**, do item **Contribuições dos autores**, especificando as responsabilidades individuais de cada um na produção do manuscrito, como está explicitamente indicado **no item 6 de SUBMISSÃO DE MANUSCRITOS**;

– em caso de agradecimentos a pessoas ou instituições, inseri-los também, na versão final do texto, **antes das Referências**, no item **Agradecimentos**.

O processo de edição do artigo aprovado inclui a normalização, diagramação e revisão do material pela equipe técnica de Interface e a aprovação final da versão em PDF pelos autores.

Os textos são de responsabilidade dos autores, não coincidindo, necessariamente, com o ponto de vista do Corpo Editorial da revista.

### Notas

. Caso tenham interesse de publicar seu artigo na língua inglesa, os autores devem manifestar o interesse e contatar imediatamente a Secretária da revista para informações sobre prazos, custos, contato com profissionais credenciados etc. Essas despesas serão assumidas totalmente pelos autores. As duas versões (português e inglês) serão publicadas na SciELO Brasil.

. Interface passou a adotar a publicação contínua de seus artigos, **publicados em um único volume ao ano**, de forma ininterrupta, de acordo com orientação da SciELO. No Sumário eletrônico da revista, na SciELO e em seu site, apenas a seção a que o artigo foi submetido será indicada.

---

## PROCESSAMENTO DE MANUSCRITOS EM ACESSO ABERTO

Interface – Comunicação, Saúde, Educação é um periódico de acesso aberto, *on-line* e digital. O movimento internacional de acesso aberto busca garantir o acesso

universal a um bem que deve ser de toda a humanidade: o conhecimento. Os custos de produção dos periódicos neste modelo de acesso aberto, ao não serem financiados pelos leitores, requerem um financiamento público.

Durante 19 anos Interface foi mantida quase exclusivamente com recursos públicos. Como atualmente a captação deste recurso cobre parcialmente seus custos, a revista passou a adotar taxa de publicação de manuscritos aprovados, para assegurar sua periodicidade, regularidade, qualidade e o acesso aberto aos artigos publicados.

### **Taxa de publicação**

Os procedimentos para o pagamento desta taxa serão informados pela secretaria da revista após a aprovação do artigo, quando tem início o processo de preparação dos originais para publicação. Esta taxa será cobrada apenas para artigos aprovados para as seções **Dossiê, Artigos, Revisão e Espaço Aberto**.

1 Para manuscritos com até 5000 palavras: **R\$ 800,00**

2 Para manuscritos com mais de 5000 palavras: **R\$ 900,00**

A taxa deverá ser paga mediante um depósito em conta bancária cujos dados encontram-se a seguir:

### **Fundação Editora da Unesp**

**CNPJ 54.069.380/0001-40**

### **Banco do Brasil**

**Agência 1897-X**

**Conta Corrente 4652-3**

No valor **não está incluído** o custo com a tradução do artigo para o inglês, caso haja interesse. Este custo é responsabilidade dos autores do artigo em publicação.

O valor da taxa pode variar em função de maior ou menor captação de recursos públicos.

---

## **NORMAS VANCOUVER**

### **citações e referências**

### **CITAÇÕES NO TEXTO**

As citações devem ser numeradas de forma consecutiva, de acordo com a ordem em que forem sendo apresentadas no texto. Devem ser identificadas por números arábicos sobrescritos. Não devem ser inseridas no modo automático, nem como referência cruzada.

#### **Exemplo:**

Segundo Teixeira<sup>1</sup>

De acordo com Schraiber<sup>2</sup>...

#### **Casos específicos de citação**

1 Referência de mais de dois autores: inserida no corpo do texto, deve ser citado apenas o nome do primeiro autor seguido da expressão et al.



**2** Citação literal: deve ser inserida no parágrafo, entre aspas (aspas duplas), e acompanhada da página da citação entre parênteses, com a pontuação no final.

**Exemplo:**

Partindo dessa relação, podemos afirmar que a natureza do trabalho educativo corresponde ao “[...] ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens”<sup>2</sup> (p. 13).

**Notas**

– No caso da citação vir com aspas no texto original, substitui-las pelo apóstrofo ou aspas simples.

**Exemplo:**

“Os ‘Requisitos Uniformes’ (estilo Vancouver) baseiam-se, em grande parte, nas normas de estilo da American National Standards Institute (ANSI) adaptado pela NLM”<sup>1</sup> (p. 47).

– No fim de uma citação o sinal de pontuação ficará dentro das aspas se a frase começa e termina com aspas.

**Exemplo:**

“Estamos, pois, num contexto em que, como dizia Gramsci, trata-se de uma luta entre o novo que quer nascer e o velho que não quer sair de cena.”<sup>9</sup> (p. 149)

– Quando a frase não está completa dentro das aspas, a pontuação deve ficar fora das aspas.

**Exemplo:**

Na visão do CFM, “nunca houve agressão tão violenta contra a categoria e contra a assistência oferecida à população” (p. 3).

**3** Citação literal de mais de três linhas: em parágrafo destacado do texto (um enter antes e um depois), com recuo de 4cm à esquerda, espaço simples, tipo de fonte menor que a utilizada no texto, sem aspas e acompanhada da página da citação entre parênteses (após a pontuação da citação).

**Exemplo:**

Esta reunião que se expandiu e evoluiu para Comitê Internacional de Editores de Revistas Médicas (International Committee of Medical Journal Editors – ICMJE), estabelecendo os Requisitos Uniformes para Manuscritos Apresentados a Periódicos Biomédicos – Estilo Vancouver.<sup>2</sup> (p. 42)

**Nota**

**Fragmento de citação no texto**

– utilizar colchete: [...] encontramos algumas falhas no sistema [...] quando relemos o manuscrito, mas nada podia ser feito [...].

**REFERÊNCIAS** (Transcrito e adaptado de Pizzani L, Silva RC, fev 2014; Jeorgina GR, 2008)

Todos os autores citados no texto devem constar das referências listadas ao final do manuscrito, em ordem numérica, seguindo as normas gerais do International Committee of Medical Journal Editors (ICMJE): <http://www.icmje.org>.

Os nomes das revistas devem ser abreviados de acordo com o estilo usado no *Index Medicus*: <http://www.nlm.nih.gov>.

As referências são alinhadas somente à margem esquerda e de forma a se identificar o documento, em espaço simples e separadas entre si por espaço duplo. A pontuação segue os padrões internacionais e deve ser uniforme para todas as referências:

Dar um espaço após ponto.

Dar um espaço após ponto e vírgula.

Dar um espaço após dois pontos.

Quando a referência ocupar mais de uma linha, reiniciar na primeira posição.

### **EXEMPLOS:**

#### **LIVRO**

Autor(es) do livro. Título do livro. Edição (número da edição). Cidade de publicação: Editora; Ano de publicação.

#### **Exemplo:**

Schraiber LB. O médico e suas interações: a crise dos vínculos de confiança. 4a ed. São Paulo: Hucitec; 2008.

\* Até seis autores, separados com vírgula, seguidos de et al., se exceder este número.

\*\* Sem indicação do número de páginas.

#### **Notas**

– **Autor é uma entidade:** SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Meio Ambiente. Manjuba (ancharella lepidentostole) no rio Ribeira de Iguape. São Paulo: Ibama; 1990.

– **Séries e coleções:** Migliori R. Paradigmas e educação. São Paulo: Aquariana; 1993 (Visão do futuro, v. 1).

#### **CAPÍTULO DE LIVRO**

Autor(es) do capítulo. Título do capítulo. In: nome(s) do(s) autor(es) ou editor(es). Título do livro. Edição (número). Cidade de publicação: Editora; Ano de publicação. página inicial-final do capítulo

#### **Exemplos:**

– Autor do livro igual ao autor do capítulo:

Hartz ZMA, organizador. Avaliação em saúde: dos modelos conceituais à prática na análise da implantação dos programas. Rio de Janeiro: Fiocruz; 1997. p. 19-28.

– Autor do livro diferente do autor do capítulo:

Cyrino EG, Cyrino AP. A avaliação de habilidades em saúde coletiva no internato e na prova de Residência Médica na Faculdade de Medicina de Botucatu – Unesp. In: Tibério IFLC, Daud-Galloti RM, Troncon LEA, Martins MA, organizadores. Avaliação prática de habilidades clínicas em Medicina. São Paulo: Atheneu; 2012. p. 163-72.

\* Até seis autores, separados com vírgula, seguidos de et al., se exceder este número.

\*\* Obrigatório indicar, ao final, a página inicial e final do capítulo.

#### **ARTIGO EM PERIÓDICO**

Autor(es) do artigo. Título do artigo. Título do periódico abreviado. Ano de publicação; volume (número/suplemento):página inicial-final do artigo.

#### **Exemplos:**

Teixeira RR. Modelos comunicacionais e práticas de saúde. Interface (Botucatu). 1997; 1(1):7-40.

Ortega F, Zorzanelli R, Meierhoffer LK, Rosário CA, Almeida CF, Andrada BFCC, et al. A construção do diagnóstico do autismo em uma rede social virtual brasileira. Interface (Botucatu). 2013; 17(44):119-32.

\* Até seis autores, separados com vírgula, seguidos de et al. se exceder este número.

\*\* Obrigatório indicar, ao final, a página inicial e final do artigo.

### **DISSERTAÇÃO E TESE**

Autor. Título do trabalho [tipo]. Cidade (Estado): Instituição onde foi apresentada; ano de defesa do trabalho.

#### **Exemplos:**

Macedo LM. Modelos de Atenção Primária em Botucatu-SP: condições de trabalho e os significados de Integralidade apresentados por trabalhadores das unidades básicas de saúde [tese]. Botucatu (SP): Faculdade de Medicina de Botucatu; 2013.

Martins CP. Possibilidades, limites e desafios da humanização no Sistema Único de Saúde (SUS) [dissertação]. Assis (SP): Universidade Estadual Paulista; 2010.

### **TRABALHO EM EVENTO CIENTÍFICO**

Autor(es) do trabalho. Título do trabalho apresentado. In: editor(es) responsáveis pelo evento (se houver). Título do evento: Proceedings ou Anais do ... título do evento; data do evento; cidade e país do evento. Cidade de publicação: Editora; Ano de publicação. Página inicial-final.

#### **Exemplo:**

Paim JS. O SUS no ensino médico: retórica ou realidade [Internet]. In: Anais do 33º Congresso Brasileiro de Educação Médica; 1995; São Paulo, Brasil. São Paulo: Associação Brasileira de Educação Médica; 1995. p. 5 [citado 30 Out 2013]. Disponível em: [www.google.com.br](http://www.google.com.br)

\* Quando o trabalho for consultado on-line, mencionar a data de citação (dia Mês abreviado e ano) e o endereço eletrônico: Disponível em: <http://www.....>

### **DOCUMENTO LEGAL**

Título da lei (ou projeto, ou código...), dados da publicação (cidade e data da publicação).

#### **Exemplos:**

Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal; 1988.

Lei nº 8.080, de 19 de Setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Diário Oficial da União, 19 Set 1990.

\* Segue os padrões recomendados pela NBR 6023 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT – 2002), com o padrão gráfico adaptado para o Estilo Vancouver.

### **RESENHA**

Autor (es). Cidade: Editora, ano. Resenha de: Autor (es). Título do trabalho. Periódico. Ano; v(n):página inicial e final.

#### **Exemplo:**

Borges KCS, Estevão A, Bagrichevsky M. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2010. Resenha de: Castiel LD, Guilam MC, Ferreira MS. Correndo o risco: uma introdução aos riscos em saúde. Interface (Botucatu). 2012; 16(43):1119-21.

**ARTIGO EM JORNAL**

Autor do artigo. Título do artigo. Nome do jornal. Data; Seção: página (coluna).

**Exemplo:**

Gadelha C, Mundel T. Inovação brasileira, impacto global. Folha de São Paulo. 2013 Nov 12; Opinião:A3.

**CARTA AO EDITOR**

Autor [cartas]. Periódico (Cidade).ano; v(n.):página inicial-final.

**Exemplo:**

Bagrichevsky M, Estevão A. [cartas]. Interface (Botucatu). 2012; 16(43):1143-4.

**ENTREVISTA PUBLICADA**

– Quando a entrevista consiste em perguntas e respostas, a entrada é sempre pelo entrevistado.

**Exemplo:**

Yrjö Engeström. A Teoria da Atividade Histórico-Cultural e suas contribuições à Educação, Saúde e Comunicação [entrevista a Lemos M, Pereira-Querol MA, Almeida, IM]. Interface (Botucatu). 2013; 17(46):715-27.

– Quando o entrevistador transcreve a entrevista, a entrada é sempre pelo entrevistador.

**Exemplo:**

Lemos M, Pereira-Querol MA, Almeida, IM. A Teoria da Atividade Histórico-Cultural e suas contribuições à Educação, Saúde e Comunicação [entrevista de Yrjö Engeström]. Interface (Botucatu). 2013; 17(46):715-27.

**DOCUMENTO ELETRÔNICO**

Autor(es). Título [Internet]. Cidade de publicação: Editora; data da publicação [data de citação com a expressão “citado”]. Endereço do site com a expressão “Disponível em:”

– **Com paginação:** Wagner CD, Persson PB. Chaos in cardiovascular system: an update. Cardiovasc Res. [Internet], 1998 [citado 20 Jun 1999]; 40. Disponível em: <http://www.probe.br/science.html>.

– **Sem paginação:** Abood S. Quality improvement initiative in nursing homes: the ANA acts in an advisory role. Am J Nurs [Internet]. 2002 Jun [cited 2002 Aug 12]; 102(6):[about 1 p.]. Available from: <http://www.nursingworld.org/AJN/2002/june/Wawatch.htmArticle>

\* Os autores devem verificar se os endereços eletrônicos (URL) citados no texto ainda estão ativos.

**Nota**

– Se a referência incluir o DOI, este deve ser mantido. Só neste caso (quando a citação for tirada do SciELO, sempre vem o DOI junto; em outros casos, nem sempre).

**Outros exemplos podem ser encontrados**

em [http://www.nlm.nih.gov/bsd/uniform\\_requirements.html](http://www.nlm.nih.gov/bsd/uniform_requirements.html)

**OUTRAS OBSERVAÇÕES****TÍTULOS E SUBTÍTULOS**

- 1 Título do manuscrito – em negrito, com a primeira letra em caixa alta
- 2 Títulos de seção (Introdução, Metodologia, Resultados, Considerações finais...) – em negrito, apenas com a primeira letra em caixa alta
- 3 Quando houver subdivisão na seção assinalar da seguinte forma **[subtítulo]**,
- 4 Caso esta subdivisão ainda tenha outra subdivisão: assinalar **[sub-subtítulo]** e assim sucessivamente.

**Nota**

– Excluir números e marcadores automáticos antes dos títulos e subtítulos.

**Exemplo:** 1 Introdução, 2 Metodologia... **Fica apenas** Introdução, Metodologia...

**PALAVRAS-CHAVE**

**Apenas a primeira letra em caixa alta, o resto em caixa baixa. Ponto final entre as palavras-chave.**

**NOTAS DE RODAPÉ**

1 Nota de rodapé vinculada ao título do texto deve ser identificada com asterisco (\*), ao final do título.

2 Informações dos autores devem ser indicadas como nota de rodapé, iniciando por <sup>(a)</sup>, indicadas entre parênteses.

**Nota**

– Essas notas devem ser curtas, devido ao espaço restrito da página de rosto do artigo.

3 No corpo do texto as notas de rodapé devem seguir a sequência iniciada na página de rosto (se o texto tiver dois autores, por exemplo, a primeira nota de rodapé do texto deve ser <sup>(a)</sup>).

**Nota**

– Notas de rodapé devem ser sucintas, usadas somente quando necessário.

**DESTAQUE DE PALAVRAS OU TRECHOS NO TEXTO**

Devem estar entre aspas (aspas duplas).

Interface **não** utiliza negrito ou itálico para destaque.

Itálico é usado apenas para grafia de palavras estrangeiras.

Os destaques entre aspas devem ser sucintos, usados somente quando necessário.

**USO DE CAIXA ALTA OU CAIXA BAIXA (baseado em: FRITSCHER, Carlos Cezar et al. Manual de urgências médicas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 468.)**

**Emprega-se caixa alta:**

- 1 No início de período ou citação.
- 2 Nos nomes dos corpos celestes: Saturno, Sol, Marte, Via Láctea.
- 3 Nos nomes dos pontos cardeais e dos colaterais quando indicam as grandes regiões do Brasil do mundo: Sul, Nordeste.

**Nota**

– Quando designam direções ou quando se empregam como adjetivo, escrevem-se com **caixa baixa**: o nordeste do Rio Grande do Norte.

**4** Na palavra **estado**, quando personificada ou individualizada: o Estado (Brasil).

**5** Nos pronomes de tratamento e nas suas abreviaturas: Vossa Excelência, Senhor, Dona.

#### **6 Em siglas:**

. se pronunciável pelas letras (UFGRS, UFF, OMS): tudo em caixa alta;

. se pronunciável como palavra (Unesp, Unicef...): só a primeira letra em caixa alta.

Exceções: ONU, UEL, USP.

#### **Nota**

– Ao usar sigla, primeiro escreve-se por extenso e depois a sigla, entre parênteses.

**7 Na primeira letra de palavras que indicam** datas oficiais e nomes de fatos ou épocas históricas, de festas religiosas, de atos solenes e de grandes empreendimentos públicos ou institucionais: Sete de Setembro, Idade Média, Festa do Divino, Dia de Natal.

**8 Na primeira letra de palavras que indicam** nomes de disciplinas de um currículo, de uma área de estudo ou exame: História da Educação, Psicologia, Avaliação, Exame da Ordem.

**9 Na primeira letra de palavras que indicam** áreas do conhecimento, instituições e religiões: Saúde Coletiva, Epidemiologia, Medicina, Enfermagem, Educação, História, Ciências Sociais, Ministério da Saúde, Secretaria Municipal de Saúde, Cristianismo.

**10 Na primeira letra de palavras que indicam** nomes de leis, decretos, atos ou diplomas oficiais: Lei dos Direitos Autorais nº 9.609.

**11 Na primeira letra de** todos os elementos de um nome próprio composto, unidos por hífen: Pró-Reitoria de Graduação, Pós-Graduação em Finanças.

**12 Na primeira letra de palavras que indicam** nomes de eventos (cursos, palestras, conferências, simpósios, feiras, festas, exposições, etc.): Simpósio Internacional de Epilepsia; Jornada Paulista de Radiologia, Congresso Brasileiro de Solos.

**13 Na primeira letra de palavras que indicam** nomes de diversos setores de uma administração ou instituição: Reitoria, Pró-Reitoria de Extensão Universitária, Assessoria Jurídica, Conselho Departamental, Departamento de Jornalismo, Centro de Pastoral Universitária.

**14 Na primeira letra de palavras que indicam** acidentes geográficos e sua denominação: Rio das Antas, Serra do Mar, Golfo Pérsico, Cabo da Boa Esperança, Oceano Atlântico.

**15 Na primeira letra de palavras que indicam** nomes de logradouros públicos: Avenida Faria Lima, Rua Madalena, Parque Trianon, Praça Michelângelo.

#### **Emprega-se caixa baixa:**

**1** Na designação de profissões e ocupantes de cargo: presidente, ministro, senador, secretário, papa, diretor, coordenador, advogado, professor, reitor.

**2** Em casos como os seguintes: era espacial, era nuclear, era pré-industrial, etc.

#### **USO DE NUMERAIS**

##### **Escrever por extenso:**

– de zero a dez;

- dezenas e centenas “cheias”: dez pacientes; vinte carros; trezentas pessoas; oitenta alunos, seiscentos internos...
- quantidade aproximada: Eram cerca de quatrocentos alunos.
- unidades de ordem elevada: A grande São Paulo possui cerca de vinte milhões de habitantes.

**Escrever em algarismos numéricos:**

- a partir do número 11;
- quando seguidos de unidades padronizadas: 10cm; 6l; 600m

**USO DE CARDINAIS****Escrever por extenso:**

- de zero a dez.